

DA DESTRUTIVIDADE À VIOLÊNCIA
O Papel da Experiência Traumática no *Continuum* Dinâmico

PEDRO MIGUEL RODRIGUES ANJOS

N.º 18188

Orientadora de Dissertação:

PROF.^a DOUTORA ÂNGELA VILA REAL

Coordenadora de Seminário de Dissertação:

PROF.^a DOUTORA ÂNGELA VILA REAL

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOCRIMINOLOGIA

2010

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Ângela Vila Real, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicocriminologia conforme o Despacho da DGES, nº 29595/2008, publicado em Diário da República, 2ª série, nº. 223, de 17 de Novembro de 2008.

AGRADECIMENTOS

Concluída que está a elaboração deste trabalho, importa mencionar as pessoas e instituições que o tornaram exequível. Assim, apraz-me agradecer:

Ao ISPA-IU (Instituto Superior de Psicologia Aplicada – Instituto Universitário), enquanto entidade formadora, por me ter propiciado a possibilidade de integrar um ciclo de estudos ministrado na esteira dum modelo teórico sólido, permitindo-me assim prosseguir a minha demanda pessoal por uma perspectiva deveras *psicológica* e não médica da *psicologia*.

Ao Dr. José Pereira da Silva, coordenador do Mestrado em Psicocriminologia, pelos momentos de aprendizagem académica e pessoal que sempre me proporcionou.

À Prof.^a **Doutora Angêla Vila-Real**, responsável pelo Seminário de Dissertação, pela audácia de não me limitar escolhas; pelas críticas e sugestões; e por sempre ter demonstrado a capacidade de fazer das minhas falha e erros, oportunidades de crescimento e aprendizagem.

À **Direcção Geral dos Serviços Prisionais** e em especial ao **Estabelecimento Prisional do Linhó**, pela oportunidade que me ofereceram de realizar um estágio no qual, para além de toda a aprendizagem pessoal, académica e profissional, me facultaram também a possibilidade de recolher dados, para o efeito de realização deste trabalho de dissertação.

Ao N, que sem qualquer tipo de condições, restrições ou entraves, se dispôs a partilhar comigo a sua história de vida, no que para ele constituiu um esforço - sei-o bem – desgastante.

A **TODOS** vós. Os *nomes* são escusados.

Por fim, *ao meu eterno mestre*, **Professor Doutor Álvaro Miranda Santos**. Se a *vontade de saber* sempre habitou em mim, foi com a sua passagem pelo meu percurso pessoal e académico que a mesma não só se fortificou, como se aprimorou. E se é com pesar que, quando o leio, recordo que já não se encontra entre nós, é também com contentamento que me apercebo que o seu desassossego e inconformismo filosófico ainda em mim têm voz.

RESUMO: A violência, agora como sempre, continua a preencher os conteúdos dos meios de comunicação e a suscitar variadas discussões no seio da sociedade. No âmbito da psicanálise, ao longo do tempo, o tema foi conhecendo várias aproximações em virtude quer dos desenvolvimentos da própria teoria, quer das posições pessoais dos vários autores. No nosso entender, é já altura para que o tema conheça uma nova conceptualização. Essa ambição passa, invariavelmente, pela (re)actualização da teoria instintivo-pulsional, fazendo não só jus à proposição do antagonismo pulsões de vida - pulsões de morte, mas atribuindo também à energia do Ego um papel preponderante no jogo de forças da vida psíquica humana. Neste modelo de entendimento, a tendência operante global e soberana das pulsões de morte é a destrutividade. É desta que, directa ou indirectamente, deriva a violência: ao serviço da destruição inata da espécie ou da conservação essencial do indivíduo. No processo dinâmico em causa, a experiência traumática assume um papel determinante no *continuum* de derivação e emergência da violência, enquanto manifestação na realidade concreta. Para sustentar a nossa tese, neste trabalho recorreremos à apresentação, exploração e discussão de um caso real – um caso limite, no seu desfecho – e percorreremos os caminhos do psiquismo para por aí perscrutarmos as inscrições quer genéticas, quer histórico-biográficas da violência, no intuito de assim podermos compreender o quanto esta dimensão matriz do ser humano, quando dinamizada pela experiência traumática, encontra no presente não só expressão para um passado individual, mas também para uma herança colectiva de destrutividade.

Palavras-Chave: Destrutividade, Violência, Experiência Traumática, Vida, Morte

ABSTRACT: Violence, now as always, continues to fulfill the media and raising various discussions in society. In the context of psychoanalysis, over time, the issue has known different approaches, whether because of the developments of the theory itself, or due to the personal opinions of several authors. In our view, it is now time for a new conceptualization of this theme. This ambition requires, invariably, the (re)update of instinctual-drive theory, not only doing justice to the proposition of the antagonism “life drives – death drives”, but also giving the energy of the Ego a leading role in the game of forces of psychic human life. In this model of understanding, the sovereign and overall functioning trend of the death drive is destructiveness. It is from this trend that, directly or indirectly, violence derives: at the service of innate destruction of the specie or assuring the essential conservation of the individual. In this dynamic process, the traumatic experience plays a determinant role in the derivation and emergence *continuum* of violence, as a manifestation in concrete reality. To support our thesis, we based on the presentation, exploration and discussion of an actual case - a limit case, in its outcome - and stroll the paths of the psyche so we can investigate both genetic and historic-biographical inscriptions of violence, to understand how this matrix dimension of the human being, when energized by a traumatic experience, finds expression in the present, not only for an individual's past but also for a collective heritage of destructiveness.

Keywords: Destructiveness, Violence, Traumatic Experience, Life, Death

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO.....	1
Prelúdio – de quê, porquê, como e para quê.....	1
Violência – uma constante com a idade do homem.....	2
II. REVISÃO DA LITEATURA.....	4
Dos Termos e Conceitos – significados e sentidos.....	4
Pulsões, Agressividade e Destrutividade.....	6
<i>A perspectiva freudiana.....</i>	<i>6</i>
<i>Instinto de morte e agressividade: da pulsão à sua manifestação.....</i>	<i>10</i>
<i>Outras perspectivas.....</i>	<i>11</i>
<i>Os opositores do dualismo pulsões de vida - pulsões de morte.....</i>	<i>12</i>
<i>O narcisismo enquanto dimensão fundamental do universo pulsional.....</i>	<i>13</i>
<i>Da díade mãe-criança e o objecto percebido no ódio.....</i>	<i>15</i>
<i>O buraco negro – o nada, o sem-sentido e o caos em psicanálise.....</i>	<i>16</i>
<i>O ódio enquanto afecto central da agressividade.....</i>	<i>18</i>
<i>Das similaridades das várias propostas.....</i>	<i>19</i>
Violência e Destrutividade.....	20
<i>Destruição e sobrevivência.....</i>	<i>20</i>
<i>O instinto de violência fundamental.....</i>	<i>21</i>
<i>Uma visão integrativa da violência.....</i>	<i>24</i>
Das inscrições histórico-biográficas da violência à passagem ao acto.....	28
<i>A violência agida: agressão e morte.....</i>	<i>28</i>
<i>O factor traumático enquanto rastilho para a violência agida.....</i>	<i>28</i>
Reflexão Teórica – da necessidade de um novo e unificado entendimento.....	30

III. CASO N.....	35
Nascimento & Primeiros Anos de N.....	35
Período de Latência e Pré-Adolescência.....	36
<i>Um episódio marcante.....</i>	<i>36</i>
A Adolescência.....	37
A Chegada à Idade Adulta.....	39
As Relações.....	39
O Acto Violento.....	40
<i>Enquadramento na História de Vida.....</i>	<i>40</i>
<i>A Passagem ao Acto.....</i>	<i>41</i>
<i>Depois do Acto – o assumir e o realizar do acontecido.....</i>	<i>42</i>
IV. DISCUSSÃO.....	44
Das linhas orientadoras da discussão: uma hipótese compreensiva do caso....	44
A Inevitabilidade da Destrutividade.....	44
V. CONCLUSÕES.....	58
REFERÊNCIAS.....	61

What's coming through is alive.
What's holding up is a mirror.
But what's singing songs is a snake
Looking to turn my piss to wine.

They're both totally void of hate,
But killing me just the same.

The snake behind me hisses
What my damage could have been.
My blood before me begs me
Open up my heart again.

And I feel this coming over like a storm
again.
Considerately.

Venomous voice, tempts me,
Drains me, bleeds me,
Leaves me cracked and empty.
Drags me down like some sweet gravity.

The snake behind me hisses
What my damage could have been.
My blood before me begs me
Open up my heart again.

And I feel this coming over like a storm
again now (x2).

I am too connected to you to
Slip away, fade away.
Days away I still feel you
Touching me, changing me,
Considerately killing me. (x4)

Without the skin here,
Beneath the storm.
Under these tears now,
The walls came down.

And as the snake is drowned
And as I look in his eyes,
My fear begins to fade
Recalling all of those times.

I could have cried then.
I should have cried then.

And as the walls come down
And as I look in your eyes
My fear begins to fade
Recalling all of the times

I have died
And will die.
It's all right.
(I don't mind)
I don't mind. (x3)

I am too connected to you
Slip away, fade away.
Days away I still feel you
Touching me, changing me,
Considerately killing me. (x3)

H. (1996)

Tool

I. INTRODUÇÃO

Prelúdio – de quê, porquê, como e para quê

Da necessidade de realizar um trabalho de investigação no âmbito do Mestrado em Psicocriminologia, da realização de um estágio em contexto prisional - e das experiências e crescimento académico e pessoal que do mesmo resultaram - e, sem rasto de dúvida, de um fascínio confesso, mas cada vez mais ponderado, pela teoria psicanalítica, daí surge a vontade para dissertar acerca da temática da violência e temas fronteiriços, partindo do(s) paradigma(s) e postulados da psicanálise; os de outrora e os de hoje.

Mas o que pretendemos aditar ao já visto e revisto na literatura, sobre este e daquele ponto de vista, com base neste e naquele modelo teórico? Onde tentaremos primar pela diferença ou, pelo menos, pela reinvenção? Enfim, com modéstia, após breve introdução e depois de levada a cabo a necessária e orientadora revisão da literatura, propomo-nos a com o auxílio da apresentação, exploração e discussão de um caso real – um caso limite, no seu desfecho – tentar percorrer os caminhos do psiquismo e por aí perscrutar as inscrições quer genéticas, quer histórico-biográficas da violência, na perspectiva de assim podermos compreender o quanto esta dimensão matriz do ser humano – tão antiga como ele mesmo –, quando dinamizada pela experiência traumática, encontra no presente não só expressão para um passado individual, mas também para uma herança colectiva de destrutividade.

Foucault (1980), crítico acérrimo da psicanálise, apelidou a psicanálise “ciência dos segredos”. Verdade seja dita, não podemos deixar de concordar com o filósofo. Também disso tratará este trabalho: de segredos – dos nossos, dos deles, dos de todos, e, sobretudo, de alguém em particular. O método investigativo predilecto da psicanálise – o estudo de caso – serve-nos aqui em parte, pois no essencial, este trata-se de um trabalho teórico. O nosso caso e os dados do mesmo servir-nos-ão, sobretudo, enquanto pistas orientadoras e sinalizadoras dos caminhos que nos dispomos a percorrer, dos tópicos que pretendemos discutir e do *corpus* de conhecimento que tentaremos construir. Não procuramos descrições ou generalizações, mas sim entendimentos, interpretações e as hipóteses e reflexões que daí virão, naturalmente, a surgir. Sabemos, de antemão, os riscos e críticas às quais nos iremos expor mas, como afirma Bergeret (2000), “nenhum empreendimento humano realista pode evitar o paradoxo, o compromisso ou a limitação”. É com tal assunção em mente que, ainda assim – e apesar de a tarefa se adivinhar propensa a adversidades – decidimos, afincadamente, tentar.

Violência – uma constante com a idade do homem

O que é, comumente, denominado *violência* existe desde que existe ser humano. A sua omnipresença na vivência humana é irrevogável. Roger Dadoun (in Ferrari, 1995) fala de *l'homo sapiens* e de *l'homo violens*. Agida, manifestamente, ou nas suas denotações latentes, a violência percorre o curso da história numa relação estreita com a civilização humana. Relação ambivalente decerto: pelos desprazeres e medos que acarreta, assim como pelas satisfações e compensações que foi proporcionando e que há-de continuar a proporcionar.

A transversalidade da violência nas várias acepções do homem demonstra-o. Nas derrotas e nas conquistas – de algo, mas acima de tudo, de poder; nos “livros sagrados” e nas “guerras sagradas”; na economia e na política – Zizec (2009) mostra-o bem na sua compilação magistral de ensaios acerca do tema – e entre todas as outras ciências; nas relações, enfim, na sobrevivência. Mas não só nos domínios da *praxis* diária do indivíduo, também nos actos nobres da criatividade e expressividade – das artes -, que mais não são do que o reflexo dos psiquismos dos seus autores e das sociedades em que os mesmos se encontram. No cinema: da mestria negra de Hitchcock – como bem descreve Zizec (2009), passando pelo *gore* da violência pela sobrevivência de James Wan (2009) e terminando na crueza das pulsões de Lars Von Trier (2009); na pintura: no cubismo representativo do horror do bombardeamento de Guernica, de Picasso (Zizec, 2009); ou na literatura: na tragédia shakesperiana e na “melancolia negra” de Dostoievski, como lhe chamou Matos (2001, aspas do autor), a qual, ainda assim, preferimos apelidar “violência da terra” – a força dos Karamazov, que vem da terra, como o próprio autor russo refere no seu romance (Dostoievski, 1981). Constatamos assim que, por todo lado, a violência ecoa, ainda que por vezes, silenciosamente. Mas de onde surge essa transversalidade e omnipresença? Continuemos a nossa procura, auxiliando-nos antes, da seguinte reflexão:

Existe uma preocupação crescente, hoje em dia, relativamente às diversas manifestações violentas encontradas na nossa sociedade (...). Esta é universal porque está presente em cada indivíduo; trata-se de uma componente instintual inata destinada a ser progressivamente integrada noutras finalidades humanas no decorrer da sua infância e da adolescência para que o adulto alcance um livre e eficiente exercício das suas capacidades amorosas e criativas. Mas é evidente que nem todos os indivíduos conseguem o mesmo grau de integração da sua violência natural primitiva (Bergeret, 2004, p. 97).

Interessa-nos realçar, neste momento, sobretudo, a propriedade de universalidade que o autor faculta à *sua noção de violência*, assim como o registo instintual e inato que lhe imputa. No seu crer, esta dimensão é pois algo comum a todo e qualquer indivíduo e faz por isso parte do ser humano desde a sua origem, constituindo-se portanto como uma herança da espécie.

Ainda que considerado um dissidente, Jung (in Santos, 1994) vai apoiar-se na noção de “restos arcaicos” de Freud para fundamentar o seu entendimento da verdadeira personalidade humana “sobre outro estrato mais profundo que não tem origem na experiência e na aquisição pessoal, senão que é inato: chamo-lhe inconsciente colectivo” (p. 24). Parece-nos, a julgar pelo já supra referido, que de facto o que é, habitualmente, concebido como a violência fará parte deste inconsciente colectivo que Jung enunciou. A possibilidade de lhe atribuirmos o estatuto de arquétipo, seria já do objecto e âmbito de outro trabalho, que não o nosso, ainda que a julgar pelas propriedades que Jung (in Santos, 1994) descreveu acerca da sua noção de arquétipo, tal seria, aparentemente, teoricamente sustentável.

Por seu lado, Freud (1981b) irá tecer algumas considerações pela primeira e última vez sobre a questão específica da violência no seu trabalho “*Why War?*”¹. Nesse artigo, o autor insere o termo *violência* na discussão e reconhece a sua inclinação – e da psicanálise, enquanto seu fundador – em admitir a existência de um “instinto de ódio e destruição” (p. 9).

Slavo Zizec (2009), em obra já citada, avança a tese de que a violência possa talvez ser – e deva ser – melhor definida e compreendida pelos seus espectadores, do que pelos criminosos ou as vítimas. À classificação de criminosos e vítimas iremos furtar-nos. Não só por essa não ser a nossa linguagem (pois, ainda que falemos da sua intervenção na área judicial, não compete à psicologia o julgamento de qualquer indivíduo, mas sim a sua compreensão e contextualização enquanto actor social, portador de uma história de vida e características pessoais daí resultantes) – essa pertence ao Direito e aos seus agentes, mas, principalmente, porque a abordagem psicocriminológica psicanalítica nos mostrou e ensinou que determinado acto (classifique-o o Direito como crime ou não) violento é, obrigatoriamente, fruto da dinâmica pessoal do seu, ou seus intervenientes, inserido(s) em determinado contexto. É muito mais essa, a dialéctica, que nos interessa analisar e se possível compreender; enquanto espectadores, como sugere Zizec, mas espectadores isentos, imparciais e não como julgadores vorazes à procura de uma culpa factual – já que da psicológica pouco ou nada se afere em sede de julgamento –, que nos permita colocar um qualquer rótulo, em determinado indivíduo ou grupo deles, para assim, confortavelmente, o(s) podermos “arrumar” a nosso belo *prazer*, escondendo-o(s) do nosso campo perceptivo, quase que numa *recusa* dessa parte *temível* da realidade, ao *bom e requintado* estilo *perverso*.

¹ Com efeito, Freud referiu-se em vários escritos aos fenómenos derivados e associados à violência, assim como aos actos e pulsões, digamos, periféricos. Mas, apenas nesta obra emprega, especificamente, o vocábulo *violência* e o integra na sua concepção metapsicológica da altura e, mais concretamente, no dualismo pulsional pulsões de vida – pulsões de morte, que caracterizava o seu entendimento do universo pulsional humano.

II. REVISÃO DE LITERATURA

Dos Termos e Conceitos – significados e sentidos

Começaremos, invariavelmente, por explorar o termo e conceito central deste trabalho: violência. No seguimento do rasto etimológico do vocábulo, encontramos duas perspectivas. Por um lado, encontramos o entendimento generalista do termo como derivado do vocábulo latim *violentia*, que já por si deriva de *vis* – força, vigor (in Dicionário Latim-Português, 1998). Esta é a noção do senso comum e faz jus aos comportamentos que culminam no dano do outro, ou do próprio. Por outro lado encontramos o entendimento, muito próprio, que nos é apresentado por Bergeret (1995) na sua exposição no Colóquio do Mónaco, em 1994. O autor mergulha ainda mais nos confins da origem do termo e refere que o mesmo “deriva do radical indo-europeu ($\beta\tau F$) que, pela passagem para o grego ($\beta\tau\alpha$) e o latim *vita*, define, simplesmente, a vida, a força vital (...) o ímpeto de sobrevivência” (p. 20). Em outro dos seus escritos refere Bergeret (2004): “a violência em si não veicula qualquer vontade de prejudicar (...) [e] não se deve confundir com o ódio ou a agressividade” (p. 97).

No entendimento de Bergeret, o que distingue violência e agressividade é não só a diferente cronologia que ambas conhecem (se a primeira é primitiva e originária, a segunda surge apenas em fases mais avançadas do desenvolvimento psico-afectivo humano), mas também o facto da primeira ser anobjectal – pelo menos no que a move e por isso ser bem mais do registo narcísico do que de qualquer outro (cf. adiante) – e a segunda ser objectal e fruto de uma muito maior elaboração psíquica, as distingue entre si (Bergeret, 2004). O ódio, esse, enquanto parcela-metade do par antagonista amor-ódio, surge como o afecto central da agressividade. Kernberg (2006) vai mais longe e considera, no seu redesenhar da teoria psicanalítica dos afectos, que o próprio ódio deriva do afecto negativo por excelência – a raiva. Ainda assim, importa-nos frisar, mais uma vez, a dinâmica objectal que subentende não só o ódio, mas a agressividade. Esta última, que opera com a raiva e o ódio em pano de fundo, deve ser diferenciada da violência pois:

A agressividade proporciona ao indivíduo satisfações de natureza erótica pelo facto de [o indivíduo] ver sofrer um objecto com o qual é mantida uma relação extremamente ambivalente, em que surgem sempre à mistura uma boa parte de ataque ao objecto e de prazer em atacar a ligação erótica que une o indivíduo ao objecto (Bergeret (2004), p.98).

No entanto, constaremos ao longo deste escrito, o facto de que a noção de agressividade nem sempre conhece o balizamento e especificidade que lhe é atribuída por Bergeret (2004). Em alguns casos o termo agressividade e seus derivados são empregues em referência a dinâmicas que nem sempre subentendem as características acima enunciadas. Alguns autores irão falar de pulsões “agressivas” independentes, por exemplo. Outros, por seu lado tomam a agressividade como directamente oposta à libido e por isso atribuem-lhe características análogas. Esta concepção é de resto transversal aos autores que definem o universo pulsional entre pulsões sexuais e pulsões agressivas. Em boa verdade, parece tratar-se aqui (como em muitos aspectos da literatura psicanalítica) de uma escolha no emprego dos termos. Se para alguns o termo de agressividade está reservado para a descrição de fenómenos psíquicos (com tradução, ou não, na realidade concreta) que conhecem, necessariamente, a acção concomitante da libido, para outros essa condição não é determinante e o uso do termo agressividade conhece um registo mais lato que abarca todos os fenómenos psíquicos (mais uma vez, com tradução, ou não, na realidade concreta) que se constituem na esteira de afectos negativos, como a raiva, o ódio, ou a inveja. De todas as formas, é também importante distinguir esta “nossa” *agressividade* de *agressão*, pois a segunda insere-se no registo de um comportamento, de uma passagem ao acto que visa, concretamente, lesar outro(s) e que, não carece, necessariamente, da inclusão desse mesmo acto no contexto de uma relação interpessoal e social (ambivalente, ou não) estabelecida, vivida e fantasiada. Esta noção de *agressão* entronca, com efeito, na designação do senso comum de *violência* (tal como a apresentamos acima), mais precisamente, nos comportamentos ditos violentos.

Outro dos termos que vai sendo, aqui e ali, enunciado é *destruição*, ao qual acrescentaríamos o de *destrutividade*. Ambos são e podem ser utilizados, especificamente, no âmbito das considerações e discussões acerca (por exemplo) da existência das pulsões de morte. A(s) pulsão(ões) de destruição aparece(m) com mais recorrência nas últimas obras de Freud e no contexto das mesma(s) é utilizada, por vezes, em substituição das pulsões de morte. Todavia, não só em Freud esta noção é utilizada, mas também em alguns dos autores que primam por uma discussão mais teórica e ontológica do universo pulsional humano – recorrendo por isso muito mais à perspectiva “intra-sujeito”, às dinâmicas internas – ao contrário dos que privilegiam uma perspectiva mais relacional (e objectal) - especialmente, aqueles que baseiam as suas hipóteses na prática da clínica psicanalítica. Porém, veremos que é da integração dessas duas perspectivas que surgem os modelos compreensivos mais ricos.

Resta-nos falar da experiência traumática – do trauma. Este fenómeno é um “velho conhecido” da psicanálise e está presente nas hipóteses da mesma, quase desde o seu início. O conceito aparece, precocemente, nas considerações que Freud tece a propósito da etiologia da histeria. Posteriormente, Freud (2005b) refere-se ao trauma aludindo à metáfora do organismo enquanto uma vesícula viva, que se protege dos estímulos exteriores, por meio de um sistema de defesas (a pára-excitação). A experiência traumática, pelo aspecto intenso, violento e, inesperado que a reveste rompe esse mesmo sistema de defesas e irá localizar-se no seio do psiquismo do indivíduo; onde, silenciosamente, irá dando mostras da sua presença e acção.

Pulsões, Agressividade e Destrutividade

A perspectiva freudiana

É de consenso entre os teóricos do saber psicanalítico, que a teoria pulsional (transmitida pela pena ou voz de Freud) conheceu, grosso modo, três fases distintas. Contudo, devemos retroceder ainda um pouco no tempo, para encontrar a génese do construto de pulsão. Ainda antes dessa resenha histórica, dedicamos um parágrafo à identificação dos quatro aspectos fundamentais da pulsão, a saber: o impulso, o objectivo a fonte e o objecto da pulsão. O impulso faz jus à característica motriz e dinâmica da pulsão; o objectivo visa a finalidade da pulsão – o alívio, o desaparecimento da tensão gerada pela pulsão (e.g. a sucção, no caso da pulsão oral erótica); a fonte diz respeito à origem da pulsão: zona erógena ou, *a posteriori*, todo o corpo); e, por fim, o objecto: o “veículo” através do qual, ou no qual, a pulsão pode atingir o seu objectivo (Boulanger, 2004).

Freud foi aprimorando, de alguma forma, o entendimento do conceito de pulsão. Gibeault (1985) identifica três etapas desse mesmo processo; as quais, embora nos furtemos a explorar exaustivamente, iremos descrever na forma de tópicos. Numa primeira etapa Freud (cit. in Gibeault, 1985) descreve a pulsão sexual como intimamente ligada ao auto-erotismo e à ausência de escolha de objecto: a “pulsão sexual é assim uma quantidade de movimento susceptível de ser qualificada pelas suas ligações a uma fonte (zona erógena), a um objectivo e a um objecto” (p. 57); numa segunda etapa, Freud acaba por reconhecer que existe uma escolha de objecto, ou pelo menos um investimento do mesmo; a terceira etapa - onde a noção de “alicerçamento” tem especial importância - especifica ainda mais a questão das relações da pulsão com as zonas erógenas específicas e as implicações no campo fantasmático (Gibeault,

1985). Resta dizer, para terminar este parágrafo, que a relação estreita da pulsão sexual com as funções de auto-conservação (posteriormente, as pulsões do Ego²) é algo transversal às três etapas mencionadas.

É em 1910, que Freud avança a distinção clara entre as pulsões sexuais e as pulsões de auto-conservação (Boulanger, 2004). Freud fundamenta as suas assunções com base no conflito que, segundo o autor, parece emergir quando algumas das exigências das pulsões sexuais põem em causa a conservação do indivíduo e, no limite, da espécie. O postulado é de que se são as pulsões sexuais e mais concretamente a libido, a força do inconsciente, no caso do Ego seria o recurso às pulsões de auto-conservação que serviriam de oposição ao inconsciente. Uma das noções chave desta primeira fase da teoria pulsional é a de “alicerçamento” (já acima referida). O termo alude ao facto de que no início da vida, as pulsões sexuais, e as de auto-conservação se apoiam entre si, pois partilham fonte e objecto, sendo que também o objectivo de umas (as sexuais), se encontra no das outras (as de auto-conservação) – exemplo típico é o da função alimentar (Boulanger, 2004). Mas, tendo em conta esta “cordialidade” que parecia existir entre ambos os registos pulsionais, onde residiriam as razões em que Freud se apoiou para por em oposição as duas forças? A ideia da existência de pulsões parciais, já referida, é ponto de partida. Se a uma pulsão parcial (a oral, por hipótese) pode corresponder um objecto parcial (o seio materno), facilmente a pulsão sexual deixa de necessitar das pulsões de auto-conservação para atingir o seu objectivo, pois pode já fazê-lo de forma auto-erótica (Boulanger, 2004). A oposição entre as duas forças reside pois nos seus objectos.

Em 1914 Freud abandona o dualismo pulsional da fase anterior e vem reduzir ao sexual o universo pulsional. Com a introdução do narcisismo, à satisfação auto-erótica e à satisfação objectal Freud vem aditar outra modalidade – o investimento global do Ego pela libido (Boulanger, 2004). Segundo Boulanger (2004) a dialéctica desta segunda fase prende-se, essencialmente, com a gestão que é feita da libido, ora investida no exterior em objectos, ora investida no interior, no Ego. Tal dinâmica teria origem num primeiro investimento arcaico, maciço, do Ego pela libido, numa fase onde ainda reinaria uma dupla indiferenciação: entre Ego e Id e, entre Id-Ego e mundo exterior. Já as pulsões de auto-conservação acabaram por se

² Optamos aqui por utilizar a denominação de pulsões de auto-conservação, ao invés de pulsões do Ego, pois nesta altura do desenvolvimento da metapsicologia encontramos ainda no registo da primeira tópica, embora o conceito do “eu” (no latim *Ego*) fosse já utilizado. Lembramos que a segunda tópica e o modelo estrutural aparecem só *a posteriori*: primeiro só como projecto em 1920, com a edição de “*Beyond the Pleasure Principle*” e depois, na plenitude, em 1923, com a edição de “*The Ego and the Id*”.

fundir no narcisismo – no investimento e no “interesse do Ego” –, por este se confundir com as necessidades de auto-conservação e amor de si. Neste novo paradigma, a “couraça” da libido e do sexual acaba assim por recobrir todo o investimento da vida psíquica humana, seja esse direccionado para o exterior do indivíduo ou, para o seu interior – para si mesmo.

A terceira fase da teoria pulsional é resultado de uma confluência de factores – onde a compulsão à repetição, a transferência e o jogo do *fort-da* assumem especial relevância – que vêm devolver a característica dualista à teoria das pulsões, agora com a díade pulsões de vida – pulsões de morte. Freud (2005b) traz a público a sua nova concepção do campo pulsional humano. É assim que, à já dificuldade em enquadrar processos das neuroses traumáticas (sonhos, reviver de sensações, etc.) ou o jogo do *fort-da*, na trilha exclusiva do princípio do prazer, agregava-se agora a questão da transferência. Quando o autor se debruça de novo sobre esta última, a mudança de paradigma começa a operar-se na totalidade. É aliás, a respeito desta questão que Freud usa pela primeira vez o termo compulsão à repetição. Segundo Freud (2005b) algumas repetições transferenciais seriam facilmente conciliáveis com o princípio do prazer – aquelas cuja satisfação representa um prazer para o sistema inconsciente, mas um desprazer para o pré-consciente. Porém, outras não podem ser compreendidas dessa forma. Freud regista que:

A compulsão à repetição também traz de volta aquelas vivências do passado que não contêm nenhuma possibilidade de prazer, que tampouco naquele tempo puderam trazer satisfações, nem mesmo das moções pulsionais desde então recalcadas (...) [e por tal se verificar] devemos ter coragem de supor que existe realmente na vida psíquica uma compulsão à repetição que se sobrepõe ao princípio do prazer (...) [à qual atribuiremos também] os sonhos dos que padecem de neurose traumática e o impulso para o jogo da criança (Freud, 2005b, p. 218).

É nesta altura e com base nestes dados, que Freud opta por enquadrar a compulsão à repetição na hegemonia de uma nova pulsão, criada a preceito para o efeito e que traz uma nova dinâmica à teoria pulsional – a pulsão de morte.

Em traços largos, existem duas premissas fulcrais. Desde logo, a noção da existência de dois sentidos opostos na vida psíquica: por um lado as pulsões de vida que assumem a função de ligação, construção e organização, visando a unidade das estruturas; orienta os laços entre o psiquismo, o corpo, as instâncias internas, os seres e as coisas do ambiente e por isso tende a garantir a coesão entre as diferentes partes do mundo real e fantasmático do indivíduo; por outro lado, as pulsões de morte objectivam o desligamento, o desprendimento da ligação libidinosa e o retorno a um estado de tensão zero. Em suma e no próprio dizer de Freud, as pulsões de morte emanam da condição universal de cada organismo vivo que

outrora foi inanimado: o regresso ao inorgânico, a procura do repouso total – o silêncio (Freud, 1996). Outro postulado desta nova revisão da teoria pulsional é o conceito de “intrincamento” que apela à constatação de que, apesar de apontarem em sentidos opostos, ambas as pulsões nunca se mostram em “estado puro”, i.e. apresentam-se sempre como que intrincadas, misturadas, ou mesmo fundidas (em condições normais, de saúde mental). Derivada deste último postulado e também, como prova clínica do mesmo, surge a nova concepção do sadismo e do masoquismo. Se até aí o sadismo se encontrava na égide das pulsões sexuais (agora as de vida), com esta revisão da teoria o sadismo tanto pode objectivar o domínio, como a destruição do objecto, o autor pretendia agora enquadrá-lo no âmbito das pulsões de morte (Boulanger, 2004). Assim, inicialmente, a pulsão direccionar-se-ia para o interior, contra o próprio indivíduo. Contudo (e aqui a importância do conceito de intrincamento) seria a libido, que na sua acção de ligação a transportaria, juntamente com ela, para o exterior; mais concretamente, para um objecto exterior – a parte da pulsão de morte a agir ao serviço da pulsão sexual: o sadismo. Uma outra parte, também em estreita ligação com a libido permaneceria orientada para o indivíduo e constituiria o masoquismo – mais concretamente, o masoquismo primário. Um dos resultados deste avanço na teoria pulsional é um enfraquecimento da importância do princípio do prazer mas, sobretudo, o reconhecimento do papel de destaque da agressividade, na teoria psicanalítica (Boulanger, 2004).

A distinção fundamental entre esta nova conceptualização pulsional e as duas anteriores reside no facto de que, a agressividade deixa de ser perspectivada como uma formação secundária, que resulta do confronto das pulsões de auto-conservação com o mundo externo e, passa a ser vista como algo de origem inata – uma vicissitude da pulsão de morte, que emerge enquanto postulado. Esta introdução de uma pulsão contrária à vida é, ainda hoje, um dos temas mais controversos da teoria psicanalítica. De resto, diversos autores se mostraram relutantes quanto a esta alteração na metapsicologia, levada a cabo pelo seu próprio fundador. Kimmerle (1988) refere-se a criação da noção da pulsão de morte como uma criação de índole meramente teórica, impulsionada pela necessidade de explicar o que Freud considerou ser um transbordamento dos fenómenos de repetição, em relação ao domínio do princípio do prazer; precisando assim de uma “unidade livre de contradições que não requeresse ligar elementos isolados uns dos outros (portanto, abstracções) numa totalidade funcional” (parênteses do autor, p. 182). A propósito da compulsão a repetir, Matos refere que:

Considerá-la apenas no pólo pulsional consiste em persistir no reducionismo da vida psíquica à pressão do instinto (...) bem como explicá-lo simplesmente por um mecanismo pseudo-adaptativo do Eu – necessidade de *maîtrise* [de domínio] – é ver somente o mecanismo defensivo, em face da impossibilidade de fazer concordar a necessidade instintiva de oferta da realidade (...) fazer intervir a

existência de uma pulsão de morte como instinto básico que se oporia à força expansiva da libido – nas suas vertentes narcísica e objectal – é recuar a uma mitologia dos instintos, negando o verdadeiro conflito sujeito-objecto (Matos, 2002b, p.174).

Instinto de morte e agressividade: da pulsão à sua manifestação

Klein (1985b) conceptualiza o desenvolvimento humano a partir de uma dinâmica de introjecções e projecções onde as diferentes partes dos objectos primários (não só o seio materno, mas também, *a posteriori* o pénis paterno) são sucessivamente elaboradas, num percurso que vai desde a posição esquizo-paranóide e culmina no acesso à ambivalência do objecto total, na posição depressiva. Na base da clivagem primitiva do objecto, Klein coloca o conflito entre pulsões de vida e pulsões de morte. Explorando melhor alguns postulados kleinianos, constatamos que no centro das propostas da autora estão três conceitos essenciais: a angústia, a culpabilidade e o medo de aniquilação (da morte). Comum a todos eles e directa ou indirectamente na sua base, estão as pulsões de morte, avançadas por Freud. Se não vejamos: para Klein (1985a), desde cedo o Ego do sujeito (da criança) tem que lidar com a angústia, que a autora afirma provir da pulsão de morte. Essa angústia é sentida como um medo de aniquilação. De resto, Klein (1985a) afirma que esta fonte de angústia jamais é eliminada ao longo da vida e é testemunha da luta eterna entre as pulsões de vida e de morte; manifestando-se em todas as situações de angústia. Ora esse medo da aniquilação, nos primeiros meses de vida, projectado, manifesta-se na forma de angústia persecutória. Assim, irá existir a clivagem, já referida, entre objectos parciais que foram introjectados com representações e afectos negativos e os que foram introjectados com significantes psíquicos opostos. Posto isto, a título ilustrativo, constatamos que no caso do mau objecto, o ódio e os ataques que lhe são dirigidos, não são mais que o resultado das angústias persecutórias regedoras do universo fantasmático da posição esquizo-paranóide, enquanto vicissitudes da *Thanatos*. Um desses ataques, ao nível fantasmático, é a projecção da sua própria agressividade – dos fantasmas e pulsões agressivas – nas *imagos* resultantes dos objectos parciais introjectados (Klein, 1985a)³. Será desta agressividade dirigida às partes más introjectadas – e na égide de um Superego arcaico cada vez mais apostado em proteger as partes boas do objecto, que protegem o Ego contra o medo de aniquilação – que irá emergir a culpabilidade e com ela, lentamente, a tendência à reparação de que fala Klein (1985a).

³ Será importante lembrar que na teoria kleiniana, conceitos como Superego, agressividade e culpabilidade surgem bem cedo na concepção da evolução humana, i.e. o facto de Klein admitir a existência de um Superego arcaico (que se forja através das partes boas e más dos objectos primários), permite a introdução das noções de culpabilidade e agressividade bem antes do que na perspectiva freudiana ortodoxa, em que serão a agressividade e a culpabilidade intrínsecas à triangulação edipiana que irão dar origem, depois, ao Superego.

Ambas, em conjunto com a crescente “preferência” (deveríamos dizer investimento?) das partes boas introjectadas dos objectos primários – e por isso preterindo as partes investidas pelas pulsões de morte –, acabarão por retirar a importância antes detida pela angústia persecutória, inaugurando assim uma fase em que será a angústia depressiva a principal organizadora ao nível fantasmático – a posição depressiva. Em suma, para a autora, a pulsão de morte é basilar e é da aspiração do sujeito em se livrar da mesma – por intermédio da clivagem e subsequente projecção – que a agressividade surge enquanto formação secundária.

Outras perspectivas

Lagache (in Clancier et al., 1984) baseou-se na ideia da “passividade fundamental” (p. 921) e na propriedade de retorno ao inorgânico e ao estado de inactividade, fazendo alusão ao princípio de nirvana que Freud já antes tinha enunciado. O autor atribui assim à pulsão de morte uma propriedade mais próxima da tendência para a redução das tensões e nem tanto do sentido destrutivo. Contudo, nesta linha, comenta Laplanche (cit. in Clancier et al., 1984) que essa tendência “é como projectar um desejo por paz interior – dir-se-ia a paz dos cemitérios – ainda que quando esse desejo é expulso para o exterior, transforma-se numa fúria que só aspira a destruir” (p. 921). Noutro registo, Pashe (in Clancier et al., 1984) apresenta a pulsão de morte como uma força auto-destruidora, da qual a agressividade é uma deflexão. Pashe (cit. in Clancier et al., 1984) vai mas longe e refere que “a animosidade do mundo exterior deve encontrar em nós o caminho do nosso próprio ódio contra nós mesmos” (p. 922). A propósito e baseando-se na experiência clínica da transferência, Viderman (cit. in Clancier et al., 1984) refere que “a natureza profundamente dividida e a ambiguidade fundamental do espírito (...) é o que permite esperar possibilidades de modificações dos esquemas emocionais passados” (p. 922).

Perspectiva importante é a de Hartmann que, embora não prescindida, explicitamente, da pulsão de morte, foca-se sobretudo na ideia de uma pulsão agressiva autónoma (Clancier et al., 1984). Para Hartmann a questão em torno da origem dessa pulsão, da mesma ser uma deflexão ou não da pulsão de morte e a mesma poder ser consequência ou não da frustração é de ordem filosófica (in Clancier et al., 1984). O autor perspectiva a energia agressiva como análoga à libido e, por isso, passível de ser neutralizada e sublimada. Mais que isso, como afirma Loewenstein (in Clancier et al., 1984), esta pode “ser alvo de deslocamento para objectos inanimados ou pessoas susceptíveis de ser atacadas” (p. 923). Contudo, a coerência da hipótese apresentada pelo autor, acaba por afastar a concepção desta pulsão agressiva do

registro inato e primitivo que conhece em Freud. Tal acontece porque, apelando ao modelo sugerido pelo autor, sendo a energia desta pulsão análoga à libido, também carecerá do mesmo grau de evolução desta última para atingir as suas características em pleno; i.e., será necessário que em termos de desenvolvimento psico-afectivo, já exista determinado grau de maturação do Ego que, por exemplo, subentenda já o reconhecimento de objectos estáveis. No entanto e embora o autor se tenha furtado a discutir a génese desta pulsão agressiva autónoma, como referem Clancier e seus colaboradores (1984), as particularidades que o autor lhe imputa aproximam-na da noção tradicional de agressividade, o que levanta dúvidas não só acerca da génese da pulsão - tal como a apresenta o autor - mas também sobre a validade da autonomia que este lhe confere.

Os opositores do dualismo pulsões de vida – pulsões de morte

Autores houve que, à força de não “admitirem” a existência de uma tendência inata para a (auto-)destruição no ser humano, preferiram considerar as condutas regidas pela agressividade enquanto meras reacções à perturbação. Na opinião de Clancier e seus colaboradores (1984), esta perspectiva acaba por se assumir, em parte, como um recuperar da primeira fase da teoria pulsional, ainda que neste caso, o narcisismo já tenha assumido o seu papel unificador. Um desses autores é Nacht (in Clancier et al., 1984) e afirma que, perante a excitação e conseqüente perturbação do organismo, será a reacção agressiva que irá aspirar a eliminar a perturbação e repor o *status quo* do organismo. Assim, segundo o autor (cit. in Clancier et al., 1984), “para evitar a insatisfação, assim como para obter satisfação das necessidades, em suma para viver, a agressividade entra em jogo” (p. 924). Nesta perspectiva, a agressividade não é mais que uma resposta à excitação, que não encontra origem no interior do sujeito e não assumindo por isso a forma de uma pulsão. Porém, referem Clancier e seus colaboradores (1984), apesar da sua defesa do monismo na vida pulsional, Natch (cit. in Clancier et al., 1984) irá admitir, *a posteriori* – depois de reflexões e considerações com base na prática clínica – que alguns fenómenos psíquicos não podem ser reduzidos apenas às pulsões de vida e que, como tal, poderá existir no homem uma força antagonista “mais poderosa, que o destrói e que o mina [que lhe sabota as pretensões] ” (p. 924).

Outro dos autores que se esforçou em integrar a agressividade no seio da pulsão libidinal foi Laplanche (in Clancier et al., 1984). A proposta do autor faz alusão à existência de um dualismo, mas no interior da própria pulsão sexual, de vida. Nesta ordem de ideias, depois de recusar a existência de uma pulsão de morte preexistente ao objecto, Laplanche (in

Clancier et al., 1984) propõe uma concepção unificada da energia libidinal, em que opõe pulsões sexuais de vida e pulsões sexuais de morte. Descreve as pulsões sexuais de vida pela tendência a manter e unificar o objecto, sendo que o primeiro desses objectos é o próprio Ego, neste caso, investido pela libido narcísica de que falava Freud. Já as pulsões sexuais de morte são de definição mais ambígua e delicada. Laplanche fala de “pulsão de representação” e “pulsão de significante”. Recupera a noção de Lacan (in Clancier et al., 1984) do significante, enquanto elaboração da pulsão de morte e perspectiva a pulsão de vida como respondendo ao narcisismo e ao imaginário. Para Laplanche (cit. in Clancier et al., 1984), a pulsão de vida prima pelo aspecto sintético, de regulação e de ligação. Já a pulsão sexual de morte é testemunha do processo primário no *Id* e “estará na base do deslocamento compulsivo e indefinido, e das longas cadeias de associações entre os objectos reduzidos ao seu aspecto significante, visando assim a descarga pelos meios mais curtos, sem olhar à sobrevivência do objecto” (p. 925). Clancier e seus colaboradores (1984) sugerem que esta noção de pulsão sexual de morte – pulsão de significante – evoca também a noção perturbadora da pulsão epistemofílica no seio da pulsão de domínio que, opondo-se à libido, tornar-se-á numa pulsão de morte. Esta pulsão de domínio, como já referido supra, foi um tema enunciado por Freud, mas ainda assim não muito explorado. Aqui, a pedra-de-toque é a questão da posse sem conotação sexual, mas com uma conotação estrita de poder e do exercício deste junto do outro – objecto visado e dominado. Nesta linha de pensamento, Gillibert (in Clancier et al., 1984) questiona o diálogo entre psicanálise e filosofia, o dogmatismo dos dualismos pulsionais e a falsa (no dizer do autor) questão entre pulsão e instinto. Este autor acrescenta ainda que “uma revisão da teoria das pulsões e da violência implica uma utilização da pulsão de domínio que nem é sexual, nem de auto-conservação. A este propósito, Dorey (in Clancier et al., 1984) precisa o carácter não específico da pulsão de domínio, enquanto Gantheret (in Clancier et al., 1984) avança que, nesta hipótese, confrontamo-nos com o ódio primitivo.

O narcisismo enquanto dimensão fundamental do universo pulsional

Já aquando da introdução do narcisismo na teoria psicanalítica, o universo pulsional proposto por Freud foi séria e permanentemente abalado. Anos mais tarde, alguns dos autores – para os quais a questão narcísica é fulcral nas suas hipóteses – propõem também perspectivas acerca da vida pulsional, construídas em torno do narcisismo. Iniciaremos a revisão destes autores pelo incontornável Lacan (1966). O autor conceptualiza o conceito de agressividade, tendo por base o instinto de morte. Como explicam Clancier e seus

colaboradores (1984), o autor considera “a agressividade correlativa à identificação narcísica, base constitutiva da estrutura formal do Ego (...) a conquista da unidade funcional do próprio corpo está subordinada a uma primeira imagem no estado de espelho, que faz intervir a dialéctica das identificações” (p. 927). No contexto sugerido, em que a agressividade aparece associada à identificação narcísica, é a identificação edipiana que permitirá, segundo Lacan (cit. in Clancier et al., 1984), “transcender a agressividade constitutiva da primeira individuação subjectiva” (p. 927).

Green (1983) é outro dos autores que coloca o narcisismo no centro das suas propostas, acerca da teoria pulsional. Desde logo, Green parte da premissa que a descrição que é feita da pulsão de morte visa afirmar a ideia de uma concepção monista da libido. Green irá então avançar a tese de que conotando o narcisismo de um sentido negativo, será possível articulá-lo com a pulsão de morte (Clancier et al., 1984). Green (1984) enceta assim o seu célebre dualismo: narcisismo de vida – narcisismo de morte. O autor argui que a ligação entre narcisismo primário negativo e as pulsões destrutivas surge logo que o objecto externo deixa de conseguir assegurar o seu papel de espelho, de contentor e auxiliar do Ego. Segundo Green (cit. in Clancier et al., 1984), se “as pulsões destrutivas se revelarem impossíveis de neutralizar, a resposta narcísica deixará de poder sustentar a ilusão de megalomania do Ego (...) e o narcisismo torna-se negativo no sentido da «nadirificação», onde Ego e objecto tendem para a anulação mútua” (p. 927, aspas nossas). Clancier e seus colaboradores (1984) consideram que, perspectivando as concepções de Green na esteira da segunda fase da teoria pulsional, o autor procura uma alocação mais firme da pulsão de morte no narcisismo. Green (cit. in Clancier et al., 1984) avança que “é a realização alucinatória negativa do desejo que rege a actividade psíquica” (p. 927). Assim, o princípio prazer-desprazer é substituído pela oposição prazer-neutro (deveríamos dizer neutralidade). Este neutro é a realidade indiferente à agitação das pulsões humanas e, a alusão do regresso à matriz inanimada aspira à inércia da morte psíquica. Na perspectiva de Clancier e seus colaboradores (1984) esta adição complementar ao princípio do prazer permite compreender o sentido dado pelo autor ao narcisismo de morte, enquanto oposto ao narcisismo de vida – pois através deste último, na opinião do autor, as realizações não são, plenamente, conseguidas.

Posição também pertinente é a de Pashe (in Clancier et al., 1984) que propõe a noção de antinarcisismo pois, na sua concepção, a adesão à última fase da teoria pulsional avançada por Freud, requer uma noção complementar e oposta ao narcisismo, representando uma tendência

mais original que a tendência a destruir-se a si mesmo. Para Pashe (cit. in Clancier et al., 1984) trata-se de um instinto que provoca um “esvaziamento libidinal em favor do objecto (...) [e] esta dualidade reflectiria a dualidade dos instintos e constituiria, sem dúvida, a primeira expressão no plano psíquico” (p. 928). Noutra registo, Bella Grunberger (in Clancier et al., 1984) ao longo da sua obra sempre defendeu a complementaridade entre o narcisismo e o conjunto das pulsões. A autora defende a hipótese de um “*paléonarcissisme*”, que vem sustentar a tese de uma agressividade arcaica. Nas palavras de Grunberger (cit. in Clancier et al., 1984) “os dois [a autora fala de Narciso e Anúbis], mais não são que um, mantendo-se no entanto separados, como os dois núcleos narcísicos primitivos” (p. 928). Esta agressividade arcaica seria anobjectal e desconheceria a distinção entre o interior e o exterior; podendo assim facilmente voltar-se contra o sujeito. É pois uma destrutividade profunda em si e por si, o que, na opinião de Clancier e seus colaboradores (1984), demonstra bem a diferença para com a agressividade objectal integrada e susceptível de ser sublimada. Os autores consideram também que, a longa exploração feita por Grunberger acerca do narcisismo e a sua articulação com as pulsões parece obedecer à necessidade - presente em muitos dos autores - de encontrar uma tendência autodestrutiva.

Da díade mãe-criança e o objecto percebido no ódio

No quadro das relações de objecto primárias, surge uma série de autores que focam a díade mãe-criança, enquanto lugar da emergência dos primeiros afectos e contexto revelador das pulsões. A maior consequência desta perspectiva é que o papel atribuído à existência ou não de um pulsão de morte para justificar a agressividade se torna, eventualmente, bastante insignificante comparado com a relação entre o Ego e o objecto (Clancier et al., 1984). René Diatkine (in Clancier et al., 1984) destaca o papel do contexto na concepção da agressividade. Na sua óptica, o aspecto pulsional da agressividade deve ser minimizado, pois esta dependerá muito mais do reconhecimento do objecto do que, apenas, de factores internos. Baseando-se na experiência clínica e na observação dos recém-nascidos, o autor defende a existência de uma mudança, por volta dos oito meses de vida da criança; na altura em que esta atinge a ansiada completude narcísica – conquista que parece ocorrer através da satisfação das suas necessidades. Em suma, na sua perspectiva, a agressividade surge apenas com o reconhecimento do objecto e pelo objecto. Mais ainda, nas palavras de Diatkine (cit. in Clancier et al., 1984) “é inútil e ilegítimo descrever uma agressividade, quer seja sádica ou masoquista, preexistente a este estado (objectal)” (p. 929, parênteses do autor). Assim, na

ideia de Diatkine, a agressividade estrutura-se na relação de objecto e o conflito pulsional não surge antes das primeiras experiências, que conduzirão o sujeito numa busca incessante do amor e da imagem ideal que, julga, satisfazer o objecto (Clancier et al., 1984). Contudo, *a posteriori* e já em conjunto com Lebovici (in Clancier et al., 1984), Diatkine vem também trazer a pulsão de morte para a discussão das suas hipóteses. Com efeito, os autores operam mesmo uma autêntica revolução na tese apresentada antes por Diatkine e acabam por apresentar uma hipótese teórica, no mínimo *sui generis*, no seio das já expostas neste trabalho e mesmo no seio da teoria psicanalítica. Relembremos estas palavras:

A nossa tese consiste em opor os dois tempos da teoria freudiana acerca da agressão. O que por vezes apelidamos de agressividade comporta, com efeito, muitas ambiguidades. Nós acreditamos ser bom, finalmente, entender-se como uma agressão o que é elaborado do funcionamento do Ego e como agressividade o que diz respeito ao destino do instinto de morte (Diatkine e Lebovici cit. in Clancier et al., 1984, p. 930).

Esta afirmação dos autores levanta algumas dúvidas, seja quanto ao que quereriam, efectivamente, dizer, seja sobre os sentidos que estariam a dar aos termos. Analisando a citação por partes, parece-nos que quando os autores se referem a *agressão* e lhe atribuem como *locus* o Ego fazem alusão às funções de auto-conservação (a agressão pela sobrevivência?) e à primeira fase da teoria pulsional; e, quando se referem a *agressividade* e já a colocam na égide do instinto de morte, recuperam a noção de *intricamento*, que nos faz lembrar a distinção de Freud entre a parte da pulsão de morte “escoltada” para o exterior pela líbido (sendo o sadismo o exemplo paradigmático) e a outra parte que reside no ataque ao interior do próprio indivíduo (sendo o masoquismo primário, o exemplo primeiro).

O buraco negro – o nada, o sem-sentido e o caos em psicanálise

Nota prévia para desde logo lembrarmos que as concepções de Grotstein (1999) – para além das referências imprescindíveis a Freud e das alusões a algumas conceptualizações de Klein – fundam-se, sobejamente, nas propostas de Bion, autor incontornável da escola psicanalítica britânica e ao qual ainda não havíamos feito referência no presente trabalho.

Inicialmente, fará sentido clarificar alguns conceitos essenciais nas hipóteses de Grotstein (1999). Para o autor, o conceito de *sem-sentido* refere-se ao conteúdo sem significado ou destituído de significado e faz a analogia deste conteúdo com os “fantasmas do sentido perdido” a que Bion (cit. in Grotstein, 1999) apelidou “elementos beta primários (...) do pavor sem nome” (p. 19). Já o conceito de *nada* refere-se à matriz vazia, que mais não é do que o continente do sem-sentido (Grotstein, 1999). O autor advoga que – ainda que concorde

com a concepção kleiniana de destrutividade primária e concepção de instinto de morte, tal como foi originalmente formulado por Freud – o instinto de morte é também:

Um veículo passivo de expressão (um significante) relativo à antecipação e à concretização da experiência apocalíptica do fenómeno do «buraco negro» (significado) [logo,] o instinto de morte é a capacidade para nos antecipar e, conseqüentemente, para nos adaptarmos a (de regularmos) este horror último (...) [e] constitui, por outras palavras, o aviso relembado de que internamente todos nos vergamos com humildade face ao «horizonte de acontecimentos» do «aterro da aniquilação» - com a entropia (o sem-sentido) e o nada por companheiros (Grotstein, 1999, p. 21, aspas e parênteses do autor).

A concepção do autor acerca da origem, significado e função do instinto de morte baseia-se, portanto, na concepção de uma dialéctica bipartida:

Em que um dos aspectos transmite a pré-concepção inata e prepercepção apocalíptica do «buraco negro» como expectativa «activada» pela experiência, ao passo que o outro aspecto inclui os componentes pré-adaptativos de assertividade, agressão e protecção do *self* e da espécie, utilizados para lidar com os perigos do ciclo predador-presa (Grotstein, 1999, p. 21, aspas do autor).

Referindo-se, especificamente, à destrutividade psíquica, Grotstein afirma que essa se deve:

Ao sinal de alarme da catástrofe (o «buraco negro»), veiculado como uma mensagem semiótica significante (iniciada pelo instinto de morte), alertando para destruição da psique e à irrupção de respostas agressivas a esta ameaça, respostas essas que constituem o arsenal pré adaptativo do instinto de morte” (Grotstein, 1999, p. 22, aspas e parênteses do autor).

Em suma, o autor pretende adicionar à noção já antiga de que os impulsos (libidinais e agressivo-destrutivos) são forças irruptivas, o facto de que os mesmos se apresentam como significação pessoal. Na sua perspectiva, os impulsos instintivos (e afectos que lhes estão ligados) atribuem sentido, ao transformarem objectos e acontecimentos em experiências.

É a capacidade do indivíduo efectuar uma recepção bem-sucedida dessa mesma significação pessoal, que irá condicionar “a continuidade evolutiva do *self* e da espécie e cuja recepção mal-sucedida causa estagnação e requer a manutenção de medidas constantes de auto-regulação primitivas, em vez de fomentar um funcionamento simbólico produtor de crescimento (Grotstein, 1999, p. 23).

Aquilo que nos parece importante reter das ideias de Grotstein é o facto de que o autor une, na sua concepção do instinto de morte, duas valências que até aí não lhe eram comuns (ambas); i.e. ainda que lhe admita a propriedade fundamental de destruição e de retorno à morte (a psíquica, na sua tese), o autor acrescenta-lhe as funções de reacção quanto a essa possível “queda no precipício” (a que o autor optou por dar o nome de “buraco negro”), entre as quais foca a agressão e a protecção do *self* e da espécie. Ora, em analogia não muito rebuscada, por outras palavras o autor não nos está a falar daquelas que foram primeiro descritas como as funções (ou pulsões) de auto-conservação e, secundariamente, como as pulsões do Ego e ainda, por fim, integradas nas pulsões de vida? Parece-nos que sim. O autor opera assim, quase que em “truque de ilusionismo” (sendo, no entanto, os seus fundamentos bem pertinentes), uma profunda reestruturação no entendimento do universo instintivo-

pulsional, retirando as pulsões do Ego e as funções *fundamentais* de sobrevivência da égide das pulsões de vida e colocando-as na esteira das pulsões de morte, enquanto mobilizações contra-reaccionais aos intentos desta.

O ódio enquanto afecto central da agressividade

Kernberg (2006), teórico e prático da tradição das relações de objecto, ao lançar-se na sua conceptualização da agressividade, toma como premissa básica o facto de que, na sua opinião, “os afectos são componentes instintivos do comportamento humano (...) disposições inatas comuns a todos os indivíduos e que surgem nos estádios precoces do desenvolvimento” (p. 46). Na sua perspectiva, estes afectos vão sendo progressivamente organizados, na esteira das relações de objecto precoces. Para Kernberg “a bifurcação efectua-se entre os “afectos gratificantes, recompensadores e agradáveis [que se organizam] em líbido, como pulsão sob tensão e afectos dolorosos, aversivos e negativos que, por sua vez, são organizados em pulsões agressivas ou sob tensão” (p. 46). O autor considera pois que estes afectos conhecem uma origem constitucional e genética, sendo activados primeiro pelas experiências fisiológicas e corporais e, depois, pelas primeiras relações de objecto. Na perspectiva de Kernberg, a relação entre afectos e pulsões é bem clara nesta afirmação:

Os afectos são integrados em pulsões inconscientes e a líbido e a agressividade, como pulsões globais dominantes, estão representadas em cada internalização de relações de objecto através do afecto despertado nessas mesmas relações de objecto. Em suma, os afectos são os alicerces das pulsões e servem, também, como sinalizadores da activação das pulsões no contexto de determinadas relações de objecto internalizadas (Kernberg, 2006, p. 47).

Na hipótese de Kernberg (2006) é a raiva que surge como o afecto básico da agressividade enquanto uma pulsão, assim como é esta que está na origem do ódio, inveja e da cólera e irritabilidade. No pólo oposto, é a excitação sexual que representa o afecto básico da líbido que “se desenvolve, de forma lenta e gradual, a partir do afecto primário de êxtase, produzido inicialmente pelas respostas corporais do bebé ao contacto físico íntimo com a mãe” (p. 47). O autor prossegue na sua explicação e tenta clarificar algumas diferenças aparentes, no que concerne ao desenvolvimento e na organização da líbido e da agressividade como pulsões. Como já referimos, o autor considera que é a excitação sexual – mais concretamente, o afecto primário de êxtase que “activa, promove e estrutura o desenvolvimento da excitação sexual em todos os seus aspectos pré-genitais e genitais” (p. 47) – que está na origem da pulsão libidinal. Por outro lado e referindo-se à génese da agressividade, o autor considera que esta surge das:

Respostas precoces de choro, que evoluem primeiro para o afecto de raiva e, depois, para o sentimento de tristeza. O ódio, o afecto central da pulsão agressiva, é um aspecto tardio da raiva, assim como a inveja, que é um desenvolvimento estrutural particular do ódio (Kernberg, 2006, p. 47).

Aquilo que podemos reter das concepções de Kernberg é, essencialmente, uma perspectiva dualista, mas de índole mais “psico-sociogenética”, preterindo assim a perspectiva mais ontogénica que o dualismo pulsões de vida – pulsões de morte encerra (designadamente no que concerne a estas últimas). Aqui, tanto a libido como a sua antagonista conhecem origem nos afectos básicos – inatos e constitucional e geneticamente determinados, como afirma Kernberg (2006) –, ficando no entanto, o seu desenvolvimento directamente dependente das primeiras interacções sociais (e objectais), nomeadamente na díade mãe-criança (sóciogénese) e da forma como essas primeiras interacções e produtos das mesmas são integrados e elaborados ao longo do desenvolvimento psico-afectivo (psicogénese). A ênfase é por isso colocada muito mais no “sujeito em relação com o outro”, do que no “sujeito em conflito consigo mesmo”. Já não se trata de lidar com uma pulsão que ora ameaça o próprio sujeito, ora é deflectida para o exterior, contra o outro – como no caso da pulsão de morte, tal como é conceptualizada por Freud –, mas sim, de uma função que visa, objectivamente, o exterior e os objectos entendidos como ameaças ou obstáculos. Encontramos fundamento para esta nossa assunção, na continuação da proposta do autor:

A função mais precoce da raiva traduz-se no esforço para eliminar a irritação ou a dor. A raiva é, assim, secundária à frustração e à dor (...). A segunda função da raiva é eliminar um obstáculo ou uma barreira que separa o bebé, real ou fantasiada, de gratificação. Este é o protótipo para uma função mais elaborada da raiva: eliminar um mau objecto – ou seja, uma suposta fonte de frustração – que se interpõe entre o *self* e a gratificação de uma necessidade (Kernberg, 2006, p. 51).

Ao fim e ao cabo, esta pulsão – tal como é entendida pelo autor – acaba por assumir funções de protecção do indivíduo e de perpetuação da satisfação das suas necessidades. No limite, parece-nos que também aqui se fala de auto-conservação, ainda que implicitamente.

Das similaridades das várias propostas

Terminada que está a resenha das várias fases da teoria pulsional freudiana e desenvolvimentos da mesma, através das propostas de outros autores, parece-nos útil realçar uma série de aspectos que surgem como comuns em todas elas. Desde logo, o dualismo aparece como dimensão comum (e, em grande parte das vezes, também o antagonismo), seja entre que “categorias” de pulsões for. A importância da introdução do narcisismo e tudo que o construto comporta (e.g. o investimento primário do Ego e a alocação das funções de auto-conservação na sua égide; a necessidade da sobrevivência e da completude narcísica; etc.) é também fulcral nas várias propostas de forma explícita, ou implícita. Por último, a

importância das relações objectais e o condicionamento que exercem na forma como as pulsões ou instintos se manifestam e/ou se desenvolvem e integram é essencial. Na nossa óptica, são estes os três aspectos fundamentais e transversais às várias propostas, dos vários autores, que se mantêm presentes, independentemente, da tradição ou concepção singular que cada um deles utiliza, enquanto alicerce teórico para desenvolver as suas hipóteses.

Violência e Destrutividade

Destruição e sobrevivência

Referimos, anteriormente, que é já no final da sua obra que Freud (1981b, 2005c) adopta e assume, de forma contundente, a ideia da destruição e da destrutividade, enquanto dimensão fundamental do ser humano. Até aí, como já vimos, a noção de pulsões de morte foi sendo preferida em detrimento de conceitos como pulsão de destruição ou pulsões destrutivas. Desde logo, como refere Bergeret (1984a) “a hipótese de uma *destrudo*, sincronicamente oposta à libido, nunca conheceu o consenso no seio dos psicanalistas” (p. 1024). Também a noção de pulsão de destruição aparece apenas por vezes e, de forma geral, relacionada com as pulsões de morte. Quando Freud (2005a) conceptualiza estas últimas e se refere aos momentos em que as mesmas se viram para o exterior, alude à noção de “tendência para a destruição”. Freud (in Bergeret, 1984a) irá referir-se, novamente, à pulsão de destruição. O registo de actuação dessa pulsão é dividido por Freud em três etapas. Num primeiro momento esta pulsão dirigir-se-ia para o exterior; num segundo momento a pulsão, por força de ter encontrado obstáculos, retornaria para o interior do indivíduo e transformar-se-ia em atitudes de auto-destruição; por último Freud (cit. in Bergeret, 1984a) afirmou que “tudo se passaria como se fôssemos forçados, para evitar a nossa própria destruição, a destruir pessoas e coisas” (p. 1025). Quanto às menções à “violência”, como já mencionamos, Freud foi muito parco em tais referências. Antes dos seus últimos trabalhos (1955, 1981b) foram poucas as investidas teóricas do autor, com o recurso a tal termo. Numa dessas ocasiões, como lembra Bergeret (1995), Freud propõe a concepção de um componente violento primitivo, em oposição à hipótese do instinto de agressão que tinha sido postulada por Adler (in Bergeret, 1994). Com efeito, na aspiração de fazer uma distinção exacta entre as duas concepções, Freud (in Bergeret, 1995) irá definir os objectivos desta brutalidade primitiva como não sendo nem bons, nem maus e podendo orientarem-se para a ternura ou para a agressividade.

Posteriormente, Freud irá mais longe e falará de uma herança arcaica violenta que está presente em todos os seres humanos (in Bergeret, 1995). Conceito utilizado por Freud, ainda que esporadicamente, foi o de pulsão de domínio (já acima abordada), fazendo jus à brutalidade e controlo narcísico exercido sobre os objectos, como meio de garantir a defesa do indivíduo e, no limite, a sua sobrevivência. Parece-nos que em ambos os casos: o de “componente violento primitivo”, ou de pulsão de domínio, Freud fala do mesmo, ainda que num registo diferente; i.e. o autor refere-se ao que o indivíduo (mais concretamente, o seu Ego) está disposto a fazer – auxiliando-se de todos os recursos ao seu dispor, sem lhes atribuir um julgamento valorativo – para assegurar não só (e nem tanto) a sobrevivência da espécie mas, sobretudo, a do próprio indivíduo. Em “*Why War?*” (1981b), nas suas considerações Freud alude à noção de identificação e define-a como o termo técnico para designar as ligações emocionais e afirma que a força (violenta) utilizada contra e na direcção de um obstáculo (ou adversário) não contempla a intervenção de qualquer ligação emocional identificatória. A propósito, Green (1995) sugere uma linha associativa de eventos psíquicos, que é bem elucidativa e definidora da forma como a violência emerge no indivíduo, com base na conceptualização freudiana desta problemática:

O meu adversário não é dos meus, é dos outros. Enquanto um dos outros, eu não tenho ligação emocional com ele (...), posso exercer a minha violência sobre ele, ou mesmo matá-lo (...), já que pela ausência de ligação identificatória será ele, e só ele a sofrer ou morrer. Se ele fosse dos meus, a sua morte seria a morte da nossa relação e, forçosamente, pelo menos em parte, a morte de uma parte de mim. Aqui ele morre – só – sem identificação. Eu não tenho nenhuma razão para ter que fazer o luto. Estrangeiro, ele não é mais meu semelhante. Estrangeiro absoluto, ele não é para mim mesmo um humano, ele torna-se menos que um objecto, uma coisa. [Já no caso de existirem ligações emocionais identificatórias] ele torna-se meu semelhante, meu irmão. O assassinato tornar-se-á um assassinato de mim próprio, em parte; a guerra será impossível e aquele dos dois que seja incapaz de se desfazer da identificação primeiro estará condenado à derrota e sofrerá a dominação do outro (Green, 1995, p. 225).

O instinto de violência fundamental

Uma das hipóteses mais marcante e “polémica” da vasta obra de Bergeret é a sua concepção do instinto de violência fundamental. Como já referimos no início deste trabalho, a noção de violência apresentada por Bergeret (1984a, 1984b, 1995, 2000, 2004) encerra não só o (re)desenho de um instinto mas, mais que isso, traz um novo dado para o entendimento da psicogénese do ser humano. Bergeret (1984b) assume por isso não só a existência e vicissitudes deste instinto, mas também todo o imaginário primitivo que o subentende. Ambos, instinto e imaginário primitivo violento, são não só anteriores, como basilares no imaginário sexual e agressivo; sendo, para além disso, sobre eles que se constituirão, secundariamente, a sexualidade, o amor e o ódio. Mais que isso, Bergeret (1984) assume uma

semi-rotura com o Édipo e postula que o parricídio (fantasma central do complexo edipiano) deve ser “dessexualizado” e não mais entendido como visando apenas o *pai*, mas pelo contrário, como uma luta de ordem vital entre gerações. Com esta ideia, o autor avança que muito antes do advento da triangulação edipiana – num tempo bem mais primitivo e arcaico do desenvolvimento psico-activo de qualquer indivíduo – são já os fantasmas de sobrevivência e de luta por esta, que orientam a criança numa dinâmica de causalidade instintual de auto-conservação que só conhece uma dialéctica: *eu* ou o *outro*. No centro da sua hipótese está também o processo de “epigénese interaccional” (1984). Esta ideia (recuperada da etologia) afirma que o indivíduo, ao nascer, traz consigo uma equação genética portadora de vários modelos imaginários de índole sociocultural. Ora estes modelos, ainda que incluídos na genética do sujeito, não se activam, por assim dizer, de forma endógena, ou seja, carecem de um contributo exógeno para assim serem operacionalizados. Este contributo é prestado pelo contexto social em que a criança se insere. Será do jogo interactivo entre o imaginário despontante do indivíduo e o imaginário estimulante do mundo externo que esses modelos serão progressivamente activados e, subsequentemente, irão dar origem às estruturas mentais originais e activas do indivíduo (Bergeret, 1984b, 2004). Na óptica de Bergeret (2004) – contrariando de alguma forma o papel de destaque e primazia de que o modelo edipiano beneficia – existem modelos imaginários bem mais precoces que o edipiano:

Os primeiros modelos imaginários inatos a tornarem-se utilizáveis não são os modelos edipianos mas sim os modelos violentos, sobre os quais vão articular-se em seguida os modelos edipianos que integrarão em seu benefício (nos casos felizes) os modelos violentos mais arcaicos e brutais (Bergeret, 2004, p. 99, parênteses do autor).

Esta violência de que fala Bergeret reúne um elenco de características, que lhe consentem alguma especificidade no contexto dos instintos e pulsões da teoria psicanalítica. Desde logo, esta violência é, por assim dizer, “amoral”, pois desconhece qualquer qualificação valorativa de bem ou mal, de bondade ou maldade. Outra das suas características é ser anobjectal, tanto que aquilo que a activa não é a necessidade de procura de um objecto (como muito, será a interpelação desse objecto que a activará) e, da mesma forma, não visa em particular um objecto quando actua; ainda que possa, no intuito da sua acção, ter de se dirigir para um (Bergeret, 1984b). Será a situação específica de ameaça para o indivíduo que irá despoletar e definir a direcção e objecto da violência fundamental. Como refere o autor:

A violência (...) apresenta-se como uma reacção (...) elementar e globalmente (...) brutal: as características próprias do objecto não têm grande peso; para o indivíduo consiste simplesmente em sentir-se ameaçado por um objecto exterior mais ou menos definido, ameaçando de uma forma realmente essencial e até mesmo vital (...) A única coisa que conta é o interesse imediato e global do indivíduo; o objecto não tem grande importância específica; o destino que espera o objecto submetido à violência não

preocupa o indivíduo; este não tem qualquer vontade muito definida de prejudicar o objecto e se as reacções de defesa do indivíduo acarretam, directa ou indirectamente, a destruição do objecto, isso não entra de forma alguma em conta nas preocupações do indivíduo que se dedica unicamente à sua pura protecção (Bergeret, 2004, p. 98).

Ao nível das implicações que traz para o entendimento do desenvolvimento pulsional, a perspectiva de Bergeret (1984b) vem também introduzir um novo articular entre dois níveis diferentes, que se relacionam diacronicamente ao invés de sincronicamente. Isto significa que o entendimento que é dado, por exemplo, pela última fase da teoria pulsional (pulsões de vida – pulsões de morte), que é de ordem sincrónica – pois os dois pólos pulsionais são conceptualizados como originando-se e desenvolvendo-se de forma paralela – é substituído por um entendimento diacrónico em que a linha instintual violenta é inata e se desenvolve antes que a linha pulsional sexual; tendendo depois (num desenvolvimento normativo – frisamos a ideia do autor) a corrente instintual violenta a integrar-se na acção sexual da libido. Mais que isso, na opinião de Gilbert Diatkine (1984), da mesma forma que as pulsões ao integrarem a violência fundamental a vectorizam – dando-lhe um objectivo, uma direcção e um objecto –, é a violência fundamental que é responsável pelo carácter activo dessas mesmas pulsões, ainda que, por hipótese, o objectivo destas possa ser passivo. No entender de Bergeret (1984a, 1984b) e de alguns autores que escrutinaram a sua teoria do instinto de violência fundamental (e.g. Clancier et al., 1984; Cosnier, 1984), esse conceito estaria bem próximo da pulsão de domínio descrita por Freud.

Ainda assim e tentando agora articular este instinto na teoria pulsional freudiana, constataremos que quando Bergeret (1984a, 1984b) lhe atribui uma posição próxima às pulsões de conservação – pelo registo inato, arcaico e brutal deste instinto, que só anseia à sobrevivência –, se aludirmos à primeira fase da teoria pulsional, diremos que este instinto seria da ordem das funções de auto-conservação e, no limite, seria a função de auto-conservação por excelência (pois seria activada nas situações de real ameaça para a sobrevivência e não, por exemplo, nas “meras” necessidades fisiológicas⁴). Já na óptica da segunda fase da teoria pulsional, a integração da hipótese de Bergeret, seria apenas parcial e careceria de alguma validade. Apesar de nessa fase a importância do narcisismo ser fulcral - e o instinto sugerido por Bergeret acaba por representar um “interesse narcísico” -, se há também característica que é, sobejamente, vincada pelo autor é o facto do instinto de

⁴ Notemos que a definição apresentada por Bergeret do seu instinto violência fundamental alude ao facto de a sua área de acção dizer respeito a situações de ameaça narcísica e vital (psíquica e/ou física), ao contrário de conceptualizações de outros autores (e.g. Kernberg), que quando falam em agressividade, a perspectivam como interveniente em situações em que o objecto se interpõe, em que é um obstáculo para a satisfação do indivíduo.

violência fundamental não conhecer afectividade (positiva ou negativa) e ser anterior à libido, na forma como esta é comumente conceptualizada; assim, é contestável tentar alocar este instinto num paradigma teórico em que Freud reduziu o mundo pulsional ao sexual e em que os movimentos pulsionais (objectais ou narcísicos) estão dependentes da libido. Por último, a integração deste instinto na terceira fase da teoria pulsional pode ser polémica. Gilbert Diatkine (1984) avança que, pela lógica inerente tanto à última fase da teoria pulsional, como ao *desideratu* que subentende o instinto de violência fundamental (a sobrevivência, ainda que a qualquer custo) é legítimo integrar este último no seio do “instinto de vida” (p. 1090). De resto, é o próprio Bergeret quem avança essa possibilidade:

A violência entra assim no grupo dos instintos de vida muito primitivos e não corresponde de modo algum a uma qualquer pulsão de morte tal como é por vezes evocada num sentido que deriva mais ou menos para a metafísica (Bergeret, 2004, p. 98).

Em suma, a integração da violência fundamental na teoria psicanalítica traz, não só uma nova dimensão para a fase mais primitiva do desenvolvimento psico-afectivo – que Bergeret (1995) denomina por “a etapa epigenética narcísico-fálica” –, mas também um rearranjo do universo pulsional (deveríamos dizer “instintivo-pulsional”) que reflectiria uma evolução diacrónica – entre a violência primeiro e o sexual (erótico e agressivo) depois e o suprimimento das pulsões de morte tal como foram conceptualizadas por Freud.

Uma visão integrativa da violência

No Colóquio do Mónaco de 1994 é André Green (1995) que encerra os trabalhos, com um ensaio vasto e profundo acerca da violência. Quando se propõe a definir o campo da violência, Green (1995) avança que para o efeito se irá fazer valer de dois princípios processuais: por um lado distinguir os vários tipos de violência e, por outro, relacioná-los com os seus parentes próximos (agressividade, ódio, destruição); numa perspectiva de conjunto, onde a relação estreita com a pulsão de morte é discutida. De resto, Green (1995) afirma logo no início da comunicação: “Não dissimularei os meus propósitos (...) Proponho-me a defender e actualizar a tese de Freud da pulsão de morte” (p. 217).

O primeiro tipo de violência descrito por Green (1995) é a *violência ao serviço da auto-conservação* e o autor denomina-a como a “violência absoluta” (p. 229). Neste caso, o autor faz uma analogia directa com a *violência fundamental* descrita no ponto anterior deste trabalho e referencia mesmo Bergeret (1984b) para sustentar a sua explicação deste tipo de violência que, em suma, se refere às situações de ameaça vital para o indivíduo. De seguida,

Green (1995) irá descrever aquilo que apelida como *violência matriz*. A descrição que o autor faz é algo confusa, mas a alusão que depois realiza em relação ao conceito de Winnicot (in Green, 1995) de *ruthless love* acaba por clarificar a sua hipótese. Assim, nas palavras de Green esta violência matriz diz respeito a:

Uma forma de ligação com o objecto (que é prova de um amor) que se exprime de maneira que o afecto de amor em questão não é identificado como tal, mas irá traduzir-se por uma violência sem consideração alguma pelo que sente o objecto, sem que [no entanto] algum prazer seja identificado, a não ser o de dar livre curso à pulsão. O que o sujeito procura é a expressão sem entrave da pulsão, sem que o sofrimento do objecto faça parte do gozo [que daí decorre] (Green, 1995 p. 232).

A *violência narcísica* é outro dos tipos apresentados por Green (1995). Para o autor, este tipo está próximo do precedente, ainda que aqui não seja o prazer de viver plenamente a pulsão, mas sim, a afirmação narcísica do eu. Será neste tipo de violência que se incluirá a pulsão de domínio, a que Green (1995) prefere chamar a “vontade de poder nietzschiana” (p. 232). Neste registo da violência o “Ego monopoliza a seu favor o poder pulsional disponível, mascarando ou suplantando os seus objectivos eróticos em favor dos seus interesses próprios” (p. 232). De seguida, Green (1995) fala da *violência erótico-objectal*. Aqui a ideia central é a de “intrincamento” já que o prazer é retirado de um jogo relacional com componentes libidinais mas, ao mesmo tempo, agressivos. Caso paradigmático: o sadomasoquismo. Relacionada com este tipo de violência está aquilo que Green (1995) descreve como *violência amorosa*, que encontra a sua origem nas relações de amor-ódio. Já a *violência exterminadora* tem como objectivo último a morte e o seu objecto é ora o outro, ora o próprio indivíduo (suicídio). Refere Green (1995) que este tipo de violência “está mais próximo da *violência narcísica* do que da *violência erótico-objectal*” (p. 232). Por último Green (1995) refere-se aos dois tipos de violência que, na sua opinião, estão mais relacionados com a pulsão de morte. A *violência silenciosa* refere-se às afecções psicossomáticas. Já a *violência desobjectualizante*, é caracterizada por Green como:

Um desinvestimento do objecto dedicado a uma morte psíquica e por vezes física. Ela despoja o objecto da sua qualidade humana única e força a sua diferenciação até à desumanização coisificante. Ela pode fazer-se acompanhar de alguma violência psíquica, mas faz sempre par com a perda de identificação (Green, 19995, p. 233).

Depois de elencar os diferentes tipos de violência, Green (1995) avança uma série de reflexões acerca das mesmas, da relação entre elas e da sua relação com a pulsão de morte. Primeiro, o autor começa por afirmar que se das suas assunções pode emergir a sensação que violência e agressividade surgem misturadas, tal é coerente com a sua visão de que ambas são impossíveis de separar. A propósito do polimorfismo dos seus tipos de violência, Green

(1995) afirma que o que esta na base de todas elas é o conceito “de intrincamento (e desintrincamento) das pulsões e daí a ideia de uma concepção dinâmica da violência e (...) [numa] perspectiva transformacional onde os seus diversos aspectos podem misturar-se ou dissociar-se, engendrarem-se uns aos outros ou desaparecerem em favor de outros” (p. 233).

Green (1995) refere-se depois à posição e importância da pulsão de morte, no seio das suas concepções e, em particular, entre os tipos de violência descritos. O autor afirma que não está presente, a títulos similares, em todos os aspectos descritos; sendo (como já referimos) na *violência desobjectualizante* que a ligação é mais estreita e clara com a pulsão de morte. Acerca da interrogação de qual é o contexto sobre o qual a violência emerge, Green (1985) afirma que a mesma “nasce da activação de todas as formas de actividade pulsional ou da negativização das mesmas, que pode, por sua vez, provocar uma expressão adicional” (p. 234). Green (1995) descreve depois as características que definem a especificidade da violência humana, a saber: a capacidade da violência se intrincar com o erotismo; a condição de duplo sentido que lhe permite virar-se contra o próprio indivíduo; e, por último, a possibilidade de esta seguir a via da função desobjectualizante que, como refere Green (1995) dá azo a que a violência passe “a violência física explícita e se mostre indiferente aos abusos desta ou [então] proclamar a inexistência do objecto por uma violência denegadora física ou moral” (p. 234). Green (1995) questiona-se depois sobre o papel exacto do objecto e avança que esse papel, mais não é que o de “assegurar a ligação pelo significado e assimilar a violência pulsional, em parte, ajudando também à sua transformação” (p. 234).

Versando acerca da questão de qual é a fonte da violência, Green (1995) teoriza acerca da ideia de que toda a pulsão se faz acompanhar de um potencial violento, directo ou indirecto. Mais que isso, avança a ideia de uma fonte comum pulsional que, de resto, é comum aos dois grandes grupos de pulsões: pulsões de vida e pulsões de morte. Nesse sentido, Green descreve duas considerações norteadoras da sua tese:

A primeira é a de uma diferenciação em casa grupo. Por exemplo, no grupo das pulsões de vida, convém diferenciar as pulsões de auto-conservação, das narcísicas e das objectais (eróticas e agressivas). A segunda ideia é corolária da precedente: a diferenciação tem como contrapartida a intricação e desintricação das pulsões [e] a violência exprime-se sempre mais nas formas mais primitivas do desenvolvimento (Green, 1995, p. 250).

Quanto aos objectivos da violência, num primeira descrição generalista Green (1995) refere a sobrevivência, o amor o ódio, a dominação, a autopunição, entre outros. Todavia, na perspectiva do autor é possível reduzir a multiplicidade de objectivos da violência a dois aspectos fundamentais, ligados entre si. Green esclarece que a violência aspira à:

Recusa obstinada da reciprocidade na relação com o objecto, que se estende a uma gama de estados onde o mesmo é mais ou menos subjugado e subserviente e, complementarmente, [à] afirmação mais ou menos omnipresente do Eu, que anseia sempre e em todo o lado a estender o seu poder e a assegurar a todos os custos aquela que ele entende como a sua condição de plenitude (Green, 1995, p. 252).

Já referindo-se aos objectos da violência, Green (1995) avança que uma resposta óbvia seria: os objectos primários. Porém, o autor sublinha que o entendimento dos objectos da violência deve reflectir todas as “criações objectais, sejam essas orientadas para os objectos externos, ou para os objectos internos” (p. 253).

Iremos terminar esta revisão pelas propostas de Green (1995), aludindo à (re)actualização (já o tinha feito com o dualismo narcisismo de vida – narcisismo de morte) da noção da pulsão de morte e o seu enquadramento com a violência. Assim, o autor afirma a validade do construto da pulsão de morte e justifica-se com uma série de pressupostos, dos quais iremos realçar os importantes para os desígnios do nosso trabalho. Desde logo, a pulsão de morte nem sempre existe na sua forma activa, pois encontra-se normalmente relegada e intrincada nas pulsões de vida; as circunstâncias onde a sua actividade conhece a expressão máxima são as de auto e heterodestruição. Também a actividade da pulsão de morte não implica a sua “supremacia, nem a sua irreversibilidade” (Green, 1995), pois o dinamismo psíquico garante um movimento de oscilação pulsional constante. Facto a não ser subestimado é a importância da relação de objecto, pois este tem a capacidade de “ligar” a destrutividade interna do indivíduo. Por último, Green (1995) afirma que a pulsão de morte pode conhecer várias expressões: somática ou psíquica, individual ou colectiva; e, esta não tem que causar, necessariamente, a morte física, mas objectivar apenas a uma morte psíquica.

Pensando a pulsão de morte em função da violência, Green (1995) afirma que os efeitos da pulsão de morte no psiquismo das vítimas de uma agressão violenta são inegáveis; e instalam a dialéctica da disputa entre “vontade de morrer” e “vontade de viver”. Também a perspectivação da violência externa (ou externalizada) conhece génese, por vezes, no desespero que emana da pulsão de morte, fugindo o indivíduo assim ao registo suicidário. Nos casos extremos de violência (homicídio ou suicídio), que subentendem uma quantidade considerável de energia, também a pulsão de morte parece ser uma possibilidade. O mesmo acontece na função desobjectualizante e na sua acção desumanizante que, apenas pode ser sustentada por uma pulsão que se vire contra o próprio indivíduo, que regrida – a pulsão de morte – e se oponha às pulsões de vida e vise, activamente, a morte (Green, 1995).

Das inscrições histórico-biográficas da violência à passagem ao acto

A violência agida: agressão e morte

Vimos ao longo deste trabalho e em especial na revisão feita por André Green (1995), quer os vários tipos de violência, quer a dinâmica intra-psíquica e relacional (esta última só em alguns dos tipos) que lhes subsiste. Falando agora, em particular, acerca da violência agida (i.e., o comportamento violento manifesto), parece-nos adequado afirmar que esta se caracteriza, por uma auto ou hetero-agressão que, no limite, pode culminar na morte. Vários factores podem estar implicados no processo “dinâmico e processual do acto (criminal) violento” (Moulin, 2003, parênteses e aspas nossas): factores conscientes ou inconscientes intrínsecos ou extrínsecos, constantes ou circunstanciais, (relativamente aos actores e ao contexto do acto). Ainda assim e num registo que é extensível a grande parte das manifestações da violência, existe um factor determinante e decisório na emergência de qualquer recurso violento, no elenco comportamental de um dado indivíduo. Esse factor tem que ver com o experimentar (leia-se, sofrer) dessa mesma violência, em determinado momento da história desenvolvimental do próprio, sendo esta vivida numa intensidade tal que se inscreve, permanentemente, na sua biografia psíquica; configurando-se essa vivência, de aí em diante, como uma experiência traumática para o indivíduo.

O factor traumático enquanto rastilho para a violência agida

Ainda que já nos tenhamos referido à noção de trauma no início deste trabalho, importa relembrar que, grosso modo, a mesma diz respeito a qualquer experiência vivida por determinado indivíduo que, por força das circunstâncias e características da mesma (experiência) e do mesmo (indivíduo) não pode ser integrada de forma adequada, constituindo-se a partir desse momento como uma marca indelével, que se inscreve no psiquismo do indivíduo e, desde aí, opera uma alteração perpétua na sua dinâmica interna.

Em função das características descritas acerca da situação traumática, parece-nos útil recuperar a ideia de posterioridade de Freud (1950, 1981a). Segundo Laplanche e Pontalis (1970) esta ideia está associada à concepção de temporalidade e causalidade psíquicas: “há experiências, impressões, traços mnésicos que são ulteriormente remodelados em função de experiências novas, do acesso a outro grau de desenvolvimento [e] pode então ser-lhes conferida, além de um novo sentido, uma eficácia psíquica” (p. 441). Na perspectiva de Freud, (in Laplanche & Pontalis, 1970) o indivíduo modifica, posteriormente, acontecimentos

passados e é essa modificação que pode conferir a esses acontecimentos um sentido, uma eficácia psíquica ou mesmo um poder patogénico. Todavia, não é a totalidade da vivência que é remodelada, *a posteriori*, mas sim aquilo que no momento em que a mesma foi vivida não pode ser integrado num contexto significativo. Para Freud (cit. in Laplanche & Pontalis, 1970) “o modelo dessa vivência é o acontecimento traumatizante” (p. 443). Freud (1950, 1981a) perspectiva os dois momentos (aquele em que a experiência é vivenciada e aquele em que é novamente elaborada) como afastados no tempo e revestindo-se de operações diferentes. Se no primeiro é a intensidade e crueza da experiência que ocupam o processo mental, já no segundo momento, são as similitudes com o primeiro momento que, em conjunto com uma nova disposição intrapsíquica (fruto do intervalo temporal), irão ligar a este segundo acontecimento as emoções relativas ao primeiro acontecimento, que não puderam ser suficiente e adequadamente integradas. É pois na possibilidade e disponibilidade para um novo entendimento e reacção aos conteúdos do primeiro momento, que as vicissitudes e resquícios deste emergem no segundo momento.

Já Hyatt Williams (1984) fala em “experiências psiquicamente indigeríveis” para se referir à noção de trauma. O autor faz também uma descrição importante sobre a forma como estas experiências podem, supostamente, ser elaboradas, ou digeridas:

Nem todas essas experiências fornecem uma impressão de problema futuro. Por vezes a pessoa testemunha [ou vítima] desses factos pode elaborar psiquicamente as emoções fortes suscitadas por essa experiência na presença de uma pessoa psiquicamente contentora e disponível durante ou após o evento. De todas as formas é possível que tal elaboração seja feita sem ajuda e se encaminhe para a resolução (...) Mas geralmente, uma ajuda é necessária (Williams, 1984, p. 1058).

Porém, a impossibilidade de elaboração ou resolução da destabilização psíquica criada pela experiência traumática – seja por falta de ajuda, pela qualidade da ajuda ou, pela impossibilidade de esta fazer o que quer que seja – conduz ao que Williams denominou como a “edificação e a persistência de um enclave intra-psíquico que representa um perigo, mais tarde, podendo bem ser uns anos mais tarde” (p. 1058). Com efeito esta noção é chave para o entendimento de algumas manifestações violentas e Williams (1985) explica, concretamente, porquê, quando afirma que se o indivíduo “permanece neste enclave ou «constelação intrapsíquica», o explodir daquilo que parecem ser «limbos emocionais» tendem a ser recordados num momento de tensão (*stress*)” (p. 1058, aspas, parênteses e itálicos do autor). Terminaremos a revisão sobre as propostas de Williams (1985) por uma reflexão que nos é particularmente cara e de grande interesse para o nosso empreendimento:

Num grande número de indivíduos vistos depois de um crime violento, a reconstrução cuidadosa da história mostrou que a situação violenta, ameaçadora, esteve flutuante [ou latente] durante os anos anteriores [ao momento em que] as condições intra-psíquicas encontram, de maneira precisa, uma similitude numa concorrência de circunstâncias exteriores. Assim esse estado produz um curto-circuito, ou qualquer coisa análoga. Nesse momento, a acção criminal parece assim automática, como se devesse seguir uma sequência «programada». Na verdade é assim, mas a activação da constelação psíquica é fácil, ou não, consoante a forma como esta se situa no interior do psiquismo do indivíduo, e as circunstâncias exteriores particulares que a vão expor (Williams, 1984, p. 1063, aspas do autor).

Outra perspectiva, mais actual e voltada para a “clínica do acto” é proposta por Villerbu (2010). Nesse princípio compreensivo, a reactivação de uma situação traumática “enterrada”, com todos os conteúdos apensos à mesma, desencadeia uma reacção intensa e brutal que só tem por objectivo erradicar aquele antigo e terrível perigo (agora reactualizado no perigo actual), originário de todo o sofrimento, raiva e necessidade de vingança, que naquele momento emanam. Villerbu (2010) define quatro vectores de vulnerabilidade à reactivação do trauma, que se supõem presentes na situação tipo. O *modo operatório*, dá conta das semelhanças da situação traumática com a situação actual de passagem ao acto. O vector do *estilo de vida*, reporta às implicações que ambas as situações (traumática e de passagem ao acto) suscitam nas suas dimensões intrusivas, imorais e desrespeitosas para os princípios e crenças do indivíduo. Vector essencial é o da *oportunidade ou confluência dinâmica de oportunidades*, que tem que ver não só com o primeiro vector (semelhanças das situações) mas, acima de tudo com elementos distintos, mas que se podem tornar comuns a ambas as situações (o mesmo tipo de ameaça – narcísica –, por hipótese). O último vector é o mais específico e põe em situação a *organização psíquica* do indivíduo que, para além de se reportar não só à própria dinâmica de personalidade, diz respeito, principalmente, à forma como o sujeito resolve os conflitos e lida com as frustrações e angústias.

Reflexão Teórica: da necessidade de um novo e unificado entendimento

Depois da extensa enunciação que fizemos acerca das diferentes perspectivas e propostas dos vários autores, sobre as pulsões e instintos, o estatuto da agressividade e da violência e o aspecto mais ou menos emergente (consoante o autor) da destrutividade, parece-nos não só adequado, como útil para os nossos propósitos tentarmos – sugerirmos – um redesenhar do entendimento das temáticas em causa. Esse intento, que não passará de um rascunho, inevitavelmente, far-se-á da suma dos dados apresentados pelos diversos autores, ainda que cotejado com as nossas ideias. Aludindo à máxima gestaltista, ambicionamos que do todo, resulte bem mais do que a simples soma das partes. Começaremos pelo elementar: a

questão do dualismo. Se bem que é aspecto transversal nas várias propostas, o dualismo assume quatro grandes registos. Um caracteriza-se pelo estabelecimento de um dualismo no seio de pulsões da mesma “classe”: como propõe Laplanche (in Clancier et al. 1984), quando teoriza acerca das pulsões sexuais de vida e de morte; ou como sugere Pashe (in Clancier et al. 1984) quando fala em narcisismo e antinarcisismo; ou mesmo Grunberger (in Clancier et al. 1984) ao referir a ideia de Narciso e Anúbis. Outro caracteriza-se pelo dualismo entre pulsões de “classes” distintas, como é explícito na primeira fase da teoria pulsional de Freud (in Boulanger, 2004) – com a oposição das pulsões sexuais e as pulsões de auto-conservação (do Ego) – e que se auxilia da noção de alicerçamento, i.e., ainda que haja uma dualidade pulsional, inicialmente, ambas as pulsões se fazem acompanhar uma da outra, mas não misturando-se (cf. adiante). Também é possível identificar o dualismo entre pulsões de classes distintas, no qual o antagonismo emerge como premissa central; este é o caso dos autores que conferem uma origem inata à agressividade e postulam a ideia de uma pulsão agressiva autónoma (e não de morte, ou como resultado desta última) como antagonista e análoga à libido: é o caso de Hartmann (in Clancier et al., 1984), quando sugere a sua pulsão agressiva; ou Kernberg (2006), ao referir-se à agressividade como uma pulsão dominante, que se constrói e forma em simultâneo e em oposição à libido. Por fim, encontramos o dualismo entre pulsões de classes distintas, mas em que o antagonismo é complemento e o intrincamento é fundamental. Este registo é inaugurado pela terceira fase da teoria pulsional de Freud (2005b) com o dualismo pulsões de vida – pulsões de morte, mas é também firmada e mesmo aprimorada por Green (1995). Mais que isso, o autor acaba por renovar esse registo do dualismo e enriquece-o. Green (1995) toma como ponto de partida o dualismo e antagonismo entre as duas grandes classes de pulsões (vida e morte), mas reconhece expressões diversas no seio das mesmas, e entre classes de pulsões, como resultado do intrincamento.

Pela nossa parte, assumimos também o dualismo, designadamente, no último registo descrito e que atinge o seu grau máximo de elaboração em Green (1985). Contudo, na nossa perspectiva, só este dualismo, ainda que necessário, não é suficiente. Como refere Boulanger (2004) “Freud pensou ter de fazer intervir um terceiro tipo de energia, neutra, facilmente mobilizável, que pode acrescentar-se quer à tendência erótica quer à tendência destrutiva para aumentar a sua carga energética total” (p. 81). Com efeitos práticos ao nível da nossa perspectiva e forma de entendimento do universo instintivo-pulsional humano, também para nós nos parece não só premente, como inadiável considerar essa terceira força interventiva. Aliás, alguns autores já o fazem, mais explícita ou implicitamente – ainda que usando

terminologia desigual entre eles – e, por isso, não nos parece que caiamos no marasmo de uma mera criação.

Mas recuemos ainda um pouco e falemos das duas grandes classes de pulsões (pois assumimo-las como premissas básicas da nossa concepção), as pulsões de vida e as pulsões de morte. Parece-nos, pela análise das diversas perspectivas e autores, que há dois sentidos opostos que surgem bem claros: do lado das pulsões ditas de vida, parece-nos que o sentido irrevogável do sexual é o de ligação; do lado das pulsões ditas de morte, parece-nos que o sentido é o do desligamento. É esta dicotomia, como bem esclareceu Freud (2005b), que está na base do universo pulsional. Todavia, parece-nos necessário sublinhar uma ideia que, como já referido, só surge nas últimas obras de Freud (1981, 2005c) – a da destrutividade. Esta é para nós a tendência dominante e esteira de onde nascem as pulsões de morte. Desta forma, se as pulsões de vida aspiram à continuidade e à construção (e por isso também da relação), as pulsões de morte objectivam à descontinuidade e à destruição - ou destrutividade – e à não relação ou, como refere Green (1995) à desobjectualização. Devemos afirmar que, no que toca à forma inicial de expressão de ambas as pulsões, estamos bem próximos do entendimento de Klein (1985a). Distanciamos-nos pois da perspectiva de Kernberg (2006), não pela associação que faz entre as pulsões e os afectos (essa parece-nos acertada e lógica), mas na ordem cronológica que atribui ao seu modelo, pois na nossa perspectiva é do jogo pulsional que se irão construir e organizar, valorativamente, os afectos e não o oposto. Falando da especificidade das pulsões, avançamos uma noção que nos parece fundamental: do que os diversos autores nos sugerem e daquilo que nos parece ser um entendimento unificado e concertado, inclinamo-nos a afirmar que só existem duas pulsões, verdadeiramente puras (onde o intrincamento é marginal, se não inexistente) – a pulsão sexual, no caso das pulsões de vida; e a pulsão de destruição, a verdadeira pulsão de morte, por excelência. É possível então perceber que conceptualizamos a agressividade, como uma formação já mais elaborada da destrutividade; i.e. a agressividade surge já do encontro com o objecto e forja-se já na égide de uma relação ambivalente, fruto do intrincamento entre a pulsão sexual e a pulsão destrutiva.

Voltemos agora à terceira força, sobre a qual apenas “levantamos o véu” no parágrafo anterior. Aquando da segunda fase da teoria pulsional, Freud (in Boulanger, 2004) descreve um investimento arcaico e maciço do Ego pela líbido, passando este também a ser um reservatório de energia; seria, aliás, essa energia que depois de dessexualizada, pela acção do narcisismo (Green, 1983; Boulanger, 2004) contribuiria para os esforços de auto-conservação

do Ego, o “Egoísmo” ou “interesse do Ego” (Boulanger, 2004). A nossa proposta e aquela que nos parece ser a grande modificação de fundo que sugerimos reside na possibilidade – sublinhamos, possibilidade – de ser levantada a hipótese de aquando deste primeiro investimento (narcísico) do Ego, por acção do intrincamento, ou em investimentos separados, a carga energética para aí direccionada não ser só de índole sexual mas, também, destrutiva e ainda, que o investimento do Ego, ocorra de forma recorrente, de forma a poder viabilizar as constantes necessidades energéticas, decorrentes da acção do mesmo. Parece-nos que a concepção kleiniana atesta essas hipótese. Lembremos que a autora (1985a) admite a existência de um Ego arcaico e é sobre esse mesmo Ego, que recai a sombra das pulsões de morte, que encontra expressão no medo de aniquilação. A mesma ideia está implícita, parece-nos, na conceptualização que Green (1983) faz a propósito do narcisismo primário positivo e negativo. E, ainda, inclinamo-nos a considerar que o mesmo ocorre quando Grotstein (1999) se refere à dupla função da pulsão de morte, enquanto alerta da proximidade do “buraco negro” e, simultaneamente, como investida contra-reaccional contra essa mesma ameaça à integridade psíquica do indivíduo – alocando, por assim dizer, esta vicissitude da pulsão de morte (aqui ao serviço da auto-conservação) no seio do que parece ser a acção *violenta* de afirmação e manutenção do indivíduo – função que seria da responsabilidade do ego.

Mas tentemos ir mais além na nossa explanação. Se quando falamos das duas grandes classes de pulsões tratamos, acima de tudo, dos dois grandes princípios do ser humano – dos seus fundamentos ontogénicos, digamos -, já quando falamos dos esforços de auto-conservação parece-nos que tratamos mais do foro individual de cada sujeito, da sua sobrevivência enquanto indivíduo, independentemente, da sua pertença a um grupo maior – a espécie humana. E se, certamente, estes esforços procuram suprir necessidades fisiológicas básicas, também a necessidade de afirmação narcísica e/ou de sobrevivência – física e/ou psíquica – é um dos desígnios do que poderemos chamar o “interesse do Ego”, “Egoísmo” ou, no limite, a *violência* propriamente dita, se fizermos jus à origem etimológica da palavra, tal como a apresentamos no início deste trabalho: o “ímpeto de sobrevivência” (Bergeret, 1995). Todavia, deparamo-nos com um paradoxo: a concepção unificada que estamos a apresentar e na qual agora nos auxiliamos, parcialmente, do construto de violência proposto por Bergeret (1984a, 1984b, 1995, 2000, 2004) não está em desacordo com as concepções do próprio autor? É a violência que agora conceptualizamos a violência fundamental de que fala o autor? A resposta é dupla: na forma e em grande parte do conteúdo, sim; no entendimento genético desse instinto (o autor perspectiva-o como tal) não. Se, por um lado, tal como para o autor,

também para nós esta violência – esta destruição ao serviço da auto-conservação – é anobjectal – pois aquilo que a activa não é a necessidade de procura de um objecto (como muito, será a interpelação desse objecto que a activará) – e não conhece qualquer julgamento valorativo, por outro, como é perceptível pelo discorrido até aqui, não aderimos à ideia da existência de uma classe pulsional única (a sexual, no entendimento do autor) e de uma classe instintual prévia – que se desenvolve diacronicamente em relação à pulsão erótica e que vectoriza esta última, pela integração do potencial violento na corrente libidinal. Mais ainda, na perspectiva do autor, é dessa integração que surge a agressividade e não do intricamento entre pulsões de vida e pulsões de morte, tal como sugerimos supra. Assim e se quisermos aproveitar o *design* do modelo do autor, na nossa perspectiva é o próprio Ego do indivíduo, o seu “interesse”, que “vectoriza” a energia que nele foi investida, direccionando-a para determinado objecto, se tal for necessário para assegurar a sua afirmação narcísica e/ou sobrevivência física e psíquica. Trata-se por isso de uma activação brutal e *violenta* de energia destrutiva face a uma ameaça percebida, real ou imaginária, imposta pelo mundo externo.

Para terminar a nossa reflexão, temos que concordar com Freud (2005b) quando advoga a impossibilidade de restringir o *locus* das duas classes pulsionais ao *Id* e o princípio de que, estas seriam passíveis de ser encontradas em todo o “espaço” intrapsíquico. Todavia, parece-nos que não exageramos se atribuirmos ao Ego um papel de destaque (sobretudo com o avançar do desenvolvimento psico-afectivo) na gestão e aplicação dos investimentos pulsionais, pela dialéctica que rege - quer entre instâncias psíquicas, quer entre princípio do prazer e processo primário e princípio da realidade e processo secundário, respectivamente – e pelas funções de auto-conservação que, parece-nos, são da sua estrita e única responsabilidade. Parece-nos pois que, é da crescente incapacidade e/ou impossibilidade do Ego em assumir o seu papel de gestor da economia pulsional (veremos adiante, no nosso caso, o porquê de tal acontecer), que o intricamento pulsional se esbate, que os investimentos relacionalmente maduros (ambivalentes) em objectos reais se anulam, e em que, por força desse desinvestimento pulsional do mundo externo, da desobjectualização (Green, 1983), a tendência destrutiva deixa de conhecer livre curso e integração e, a destrutividade inata das pulsões de morte emerge como uma ameaça para a sobrevivência psíquica do indivíduo, atirando-o para o percurso ingrato da auto-destrutividade, do “buraco negro” (Grotstein, 1999), do qual o indivíduo só pode aspirar fugir, com actos *violentos* de desespero – pela afirmação narcísica, dirigindo essa destrutividade para o mundo externo, para o outro.

III. CASO N

Nascimento & Primeiros Anos de N

N começou a andar algures entre os 12 e 18 meses, ainda que não saiba precisar quando começou a falar. Ao nível do sono a mãe nunca lhe reportou problemas de maior: “a minha mãe disse-me que desde cedo comecei a dormir as noites seguidas” (sic). Do historial médico releva-se uma intervenção cirúrgica por volta dos 3 anos (uma circuncisão, pois o prepúcio até aí não recuava). Factor digno de menção é aquele que diz respeito à alimentação. N terá mamado até bem depois dos 2 anos de idade. Deparando-se com sérias dificuldades para que o filho largasse o seio, a mãe de N teve de recorrer a uma estratégia invulgar que N evocou com detalhe e coerência. Esta experiência, também foi identificada por N como uma das suas memórias mais antigas. Relata N em uma das primeiras sessões: “a minha mãe já tinha tentado de tudo para que eu deixasse de mamar – ela própria ainda hoje diz que era um mamão – mas nada funcionava. Mas, houve um dia em que ela me convenceu que tinha caído na pocilga dos animais e que, por ter ficado toda suja, não poderia dar-me de mamar. Eu lá me devo ter habituado e nunca mais mamei” (sic).

Outra das memórias mais antigas de N relaciona-se com a morte de um tio, tio este com o qual não tinha uma relação próxima. Ainda assim, aquele velório foi marcante para N (na altura entre os 4 e 5 anos). Guardou a seguinte narrativa e imagem: “ (...) lembro-me de estar dentro de uma casa muito sombria e fria... estava muita gente que eu conhecia... da minha família... todos choravam. Lembro-me de estar um caixão no meio, com um homem lá dentro... depois deitarem-lhe cal para cima do corpo... eu acho que era cal...” (sic). Desta fase da vida lembra ainda quando a avó (paterna) lhe contou que já não tinha os avós pela outra parte, que estavam mortos, facto que ele desconhecia, pois julgava apenas que ainda não os tinha conhecido. Lembra-se de tal lhe criar alguma angústia, pois até aí pensava que iria conhecer o avô materno. Desta altura lembra-se do pai voltar a beber álcool em excesso (algo que, pelos vistos, tinha deixado de fazer durante algum tempo), chegar a casa embriagado e protagonizar episódios de violência que, frequentemente, visavam o seu irmão e, com menos frequência, a sua mãe. “Quando tinha 5 anos tinha muitas vezes medo... quando o meu pai chegava a casa... e começava a falar muito alto... é porque estava bêbado... e depois, às

vezes, partia tudo e batia ao meu irmão e empurrava a minha mãe se esta o tentasse proteger... depois, deixou...” (sic).

Período de Latência e Pré-Adolescência

Lembra-se vagamente do primeiro dia de aulas: ”(...) a minha mãe foi-me levar (...) não me custou muito separar-me dela” (sic). Lembra também que em frente à escola residia uma tia-avó onde N almoçava todos os dias. “Até gostava da escola... (...), a minha tia [a tia-avó] também era muito boa... e eu gostava de andar por ali” (sic). Quando convidado a descrever a criança que era, evoca a seguinte imagem: “Era uma criança alegre, mas não exageradamente... gostava de brincar sozinho... na natureza... sempre fui muito recatado, desde pequeno, gostava e gosto de passar despercebido... sempre fui muito calmo, nunca de confusões... guardava muito as coisas para mim... as vezes não reagia quando tinha que reagir... deixava que me pisassem... mas de outras vezes... [suspira] ... de outras vezes reagia por instinto” (sic). “Diria que era uma criança impulsiva?” (perguntou-se-lhe). “Não diria impulsiva... mas por vezes reagia muito mal” (sic). Dos professores e das relações com os mesmos nada lembra; já colegas, tinha muitos, mas nem por isso lembra nenhum em especial. Só se dava com eles durante o horário escolar. Fora deste último, dava-se apenas com os primos e outros vizinhos, que tinham idades próximas da sua e que viviam nas proximidades. Com eles brincava, jogava futebol, fazia cabanas, arcos e flechas, carros de rolamentos, entre outros – só brincadeiras ao ar livre. Desta altura identifica como memória angustiante a morte da avó paterna, com a qual tinha uma relação bastante próxima. Lembra ainda que por volta dos seus 9 anos, o irmão (na altura com 27) foi submetido a uma intervenção cirúrgica complicada e que deu origem a um longo internamento, relacionada com os problemas de abuso de álcool e que lhe terá, deixado algumas sequelas – sequelas que *a posteriori* lhe terão permitido reformar-se precocemente, por invalidez. N caracteriza este período como muito difícil para a vida familiar – pois todos em casa receavam pelo pior. Alguns meses depois, o seu pai é também internado para iniciar uma desintoxicação de álcool que realiza com sucesso, não voltando a consumir desde aí até à presente data.

Um episódio marcante

N (na altura com 11/12 anos) tinha um amigo bastante próximo, com o qual habitualmente passava muito tempo. Este amigo era mais velho (14/15 anos) e como já

conduzia uma mota iam para vários sítios nas redondezas da localidade. Num desses passeios e num dos locais que mais costumavam frequentar – um lugarejo nas margens de um riacho – algo invulgar e inesquecível aconteceu:

“(…) Nós costumávamos ir muito para esse sítio (...) íamos de mota e depois ficávamos lá (...) íamos tomar banho ao rio e passávamos lá as tardes deitados. Naquele dia, como sempre, estávamos deitados ao sol, nus... de repente, não sei bem como, ele começou a agarrar-se a mim... a esfregar-se... e eu dei conta que ele estava... assim [suspira] ... pronto... excitado! Pedi-lhe para parar... mas ele não parava... fazia de conta que estava a... [suspira] que estava a penetrar-me. Só depois de pedir muitas vezes, já aos berros é que ele parou. Eu não percebi muito bem o que se tinha passado, porque é que ele tinha feito aquilo, mas sabia que aquilo era errado e... e senti-me mal... (...) depois pedi-lhe para ir embora (...) tive de ir com ele na mota... e senti que ele continuava na mesma [gesticula descrevendo uma erecção] ... eu não aguentei... a meio do caminho pedi-lhe que parasse e fui o resto a pé. Nunca mais falei com ele. Continuei a falar com o resto da família toda dele, mas com ele nunca mais. Só ele às vezes, quando estava bêbedo e me encontrava no café é que dizia algumas coisas [não especifica], mas eu não lhe ligava. Só contei isso à minha mãe, à Dr.^a X e a mais ninguém. Acho que é uma coisa que ninguém se orgulha de contar (...) pensam logo que por isso ter acontecido ficamos maricas e vamos fazer o mesmo. (...) Agora estou a contar-lhe a si. Sempre me perguntei porque é que aquilo tinha acontecido, porque é que ele tinha feito aquilo, sempre! Mas sempre guardei... não sei se raiva, se vergonha... [suspira, já com lágrimas nos olhos] se sofrimento... mas nunca perdoei aquilo que se passou. Nunca fiz nada contra ele, para me vingar... nem sei se o queria fazer... (...) mas hoje (...) [suspira] hoje compreendo muito melhor” (sic).

A Adolescência

N lembra que foi um adolescente precoce, ao nível da mudança da voz, pilosidade, etc.. Quanto à questão da sexualidade, lembra que já com 9/10 anos tinha por hábito ver as revistas do irmão mais velho. “Ele tinha muitas revistas com mulheres nuas, pornográficas mesmo... e eu encontrava-as e depois via.” (sic). As primeiras ejaculações são descritas por volta dos 12 anos. Relata a primeira experiência sexual consumada da seguinte forma: “Eu tinha 13 anos... ela era uma colega minha da escola, tinha a mesma idade que eu... mas ela já não era

virgem... fomos para o monte... uma coisa levou à outra... e acabou por acontecer. Depois não continuamos a relação.” (sic). Lembra que a partir daí foi mantendo várias relações esporádicas até por volta dos 17 anos. N nunca fala de ninguém em particular quando se trata de referir amigos. Fala de alguns, mas sempre de forma impessoal – vizinhos, quase todos. Com esses, gostava de andar de mota, fumar, beber, fazer alguns pequenos delitos (furtos em mercearias e cafés – enquanto um distraía o proprietário o outro apoderava-se do que pudesse), etc. No entanto, era sozinho que se divertia mais, revela. “O que eu gostava mesmo era de andar pela mata, sozinho, com a arma de pressão... sempre gostei muito de armas... sempre tive algumas em casa [o pai era caçador de fim-de-semana] ... a caçar pássaros (...) era capaz de passar a tarde inteira na mata, sozinho, só eu e a natureza (...)” (sic).

Ainda que poucos, os amigos, foram os suficientes para o acompanhar nas típicas primeiras incursões pelos consumos de substâncias. Quanto ao álcool, embora já o tivesse consumido quando era mais novo por diversas vezes (em festas locais, ou outras, realizadas em sua casa ou de familiares), só na adolescência e em conjunto com os amigos começa a consumir em excesso; um excesso que iria perdurar no tempo. O mesmo aconteceu com o haxixe que também por volta dos 13 anos experimenta pela primeira vez, para não mais deixar de consumir.

N abandona a escola aos 14 anos. Na altura tinha já completado o 7º ano de escolaridade e encontrava-se a frequentar o 8º ano de escolaridade pela segunda vez. Dos professores não guarda nenhuma recordação em especial, mas dos colegas lembra-se que se dava com grande parte deles, sem no entanto ter nenhuma relação aprofundada com nenhum. Lembra que desistiu porque a escola não o motivava, que não encontrava propósito para todas aquelas matérias e conteúdos mas, acima de tudo, aspirava a ter o seu próprio dinheiro e para isso necessitava trabalhar. Para trabalhar, tinha de deixar de frequentar a escola: “(...) juntou-se o útil ao agradável (...)” (sic). Começa a trabalhar na construção civil aos 14 anos e meio, como servente. Com o início da actividade laboral, inicia também consumos excessivos diários de álcool e, aquilo que costumava ser o semblante ébrio de fim-de-semana, passou rapidamente a ser o seu dia-a-dia. Entretanto sai de casa, (mas não para longe, pois fica a viver numa casa adjacente à dos pais) começa também assim a viver um estilo de vida demasiado adulto para a sua idade da altura. “Sempre com dinheiro no bolso (...) fazia o que queria e não tinha que dar explicações a ninguém”.

A Chegada à Idade Adulta

Com a entrada na adultícia, pouco se alterou na vida de N. Enquanto pedreiro ou carpinteiro, continuou a desempenhar tarefas ligadas à construção civil. Aos 19 anos começa também a ajudar o irmão a realizar matanças e a desmanchar gado nas mesmas; actividade que lhe ia rendendo boas maquias e que lhe permitia ter alguma notoriedade quer na sua localidade, quer nas localidades vizinhas. Também por volta dos 19 anos começa a trabalhar, aos fins-de-semana, num campo de tiro das redondezas, onde conhece aquela que viria a tornar-se a sua companheira (cf. abaixo). Quanto aos acontecimentos determinantes desta fase do ciclo vital de N, pela sua importância, descrevê-los-emos, adiante, em tópico separado.

As Relações

Quando convidado a descrever o pai, N refere o seguinte: “O meu pai é um homem justo, muito duro... de aspecto... mas meigo... sempre o vi como um amigo... mesmo nos tempos em que esteve pior [referindo-se ao período em que o pai voltou a beber até que fez a desintoxicação] sempre gostei dele (...) Para além disso sempre teve muita cabeça, nunca nos faltou nada e foi fazendo sempre o seu pé-de-meia.” (sic). N descreve a mãe com um sorriso bem esboçado no rosto. Diz: “A minha mãe sempre foi uma boa mãe... pelo menos eu acho que sim (...) acho que ser uma mãe é isso... ser justa, compreensiva, carinhosa (...) sempre me pude abrir com ela sem problemas” (sic). Já quanto ao irmão N sempre se mostrou bastante desligado do irmão, e das poucas vezes que o refere faz considerações muito breves e generalistas. “Dou-me normal com ele, nem mal, nem bem... (...) quando era mais novo era mais próximo dele... ele levava-me com ele para o café, ou para passear pela aldeia... mas conforme fomos envelhecendo fomos afastando-nos cada vez mais (...) hoje, quando me vem visitar praticamente só nos cumprimentamos e pouco mais” (sic). N conhece S (sua companheira actual) por volta dos 19 anos, ainda esta era casada com outro indivíduo. Reencontra-a pouco mais de um ano depois e depressa se reacende a chama que já na altura do primeiro encontro os tinha aproximado tanto. Por esta altura, S vivia sozinha, em casa própria, e desempenhava (tal como no presente) funções de auxiliar de acção educativa numa creche da zona onde habita. N descreve-a da seguinte forma: “é uma excelente pessoa, não sei se é de ser mais velha [S tem mais 3 anos que N], mas sempre me fez bem estar com ela (...) temos uma relação óptima, raramente discutíamos e nunca nos separamos por qualquer uma

dessas discussões, tínhamos e temos uma relação muito aberta... sempre lhe contei tudo e ela a mim, nunca houve segredos... acho que isso é bom não é? [pergunta, à procura de aprovação] ” (sic). Referindo-se à filha, N fala desta de uma forma desconcertante, tal é o misto de emoções e sensações que transmite quando se propõe a tal. “A minha filha nasceu já eu estava preso, a primeira vez que a vi já tinha alguns meses de vida (...) quando eu vim preso a S estava grávida de 4 meses (...) foi planeado, nós queríamos mesmo ter um filho... já vivíamos juntos há algum tempo, estávamos bem, e... foi normal” (sic).

O Acto Violento

Enquadramento na História de Vida

A família de N sempre morou no mesmo local. Inclusive, como já referido, quando N saiu de casa, ficou a morar mesmo ao lado dos pais. É pois nesse lugar que partilham fronteira de propriedades com outro casal de idades similares, casal no qual o marido é parente (primo direito) do pai de N. A convivência nunca foi fácil e foram existindo sempre alguns atritos. “Ela [referindo-se à vizinha] sempre foi muito problemática... faziam barulho... arranjavam problemas (...) a coisa azedou quando ela envenenou os meus cães [N teria 15/16 anos]” (sic). Daí resultou um corte de relações que se estendeu por um par de anos. Entretanto as relações foram restabelecendo-se minimamente, por força de factores que N não soube especificar. Por volta dos seus 18 anos N começa a relacionar-se de forma mais frequente com um dos filhos da vizinha, de idade próxima da sua e tornaram-se parceiros de aventuras. Esta relação foi-se aprofundando até que ficaram bastante próximos. “Primeiro não nos dávamos muito bem... por causa da mãe dele... (...) ela tinha casos com muitos homens lá na aldeia e toda a gente sabia... e toda a gente falava... até o marido sabia, mas já nem queria saber... mas ela pensava que éramos nós [referindo-se à sua família]... como morávamos ali e víamos os outros homens lá, é que contávamos a outras pessoas da aldeia” (sic). N verbaliza que começaram a estar sempre juntos e que nunca houve problemas, até que conheceram determinada rapariga, com quem o filho da sua vizinha se envolveu. Porém, aparentemente, algo despoletou uma mudança das preferências da referida rapariga: “Um dia estávamos os três a fumar um charro lá num moinho que existe no cimo da aldeia, mas o dono da propriedade apanhou-nos... o outro fugiu logo e eu é que fiquei com ela (...) lá conseguimos com que o homem não fizesse nada e fomos à nossa vida (...) mas a partir daí ela ficou muito chateada com ele (...) chegou a chamar-lhe “maricas” à frente de outras pessoas (...) e depois pronto... acabamos por nos aproximar mais e as coisas aconteceram” (sic).

Desde este episódio N lembra que a relação com o vizinho nunca mais foi a mesma. A relação deteriorou-se ao ponto de deixarem de se falar e de se envolverem por diversas vezes em trocas de insultos e de ameaças (tinha N 20 anos). Posteriormente, também a referida vizinha se envolveu na contenda. N lembra que esta o tentou atropelar a si e também à sua mãe em diferentes ocasiões; que ligavam para a sua casa a fazer ameaças, ou que as faziam directamente “do outro lado do muro” (sic). Ao nível da disputa entre N e o vizinho a situação agravou-se, tendo inclusive existido, uma agressão a N por parte do vizinho. N por seu lado lembra outro episódio em específico: “Depois de ele me ter agredido à traição uma vez à noite, fui à procura dele pela aldeia, quando o encontrei parei a mota e fui directo a ele com a faca que trazia de casa (...) disse-lhe que se ele e a família dele não parassem com a perseguição que estavam a fazer as coisas iam acabar mal (...) que tinha armas em casa [o pai caçava esporadicamente] e que sabia usá-las se fosse preciso para nos deixarem em paz.” (sic). Tal surtiu efeito a curto prazo mas, a médio prazo, tudo correu de forma diferente.

A Passagem ao Acto

Era um dia de festa na aldeia (fim-de-semana) e toda a gente estava presente nas redondezas. Como era seu hábito N passara a tarde no café local, a beber cerveja e a jogar às cartas com os velhotes do sítio. A companheira estava por lá, mas junto a outras pessoas. Com o passar das horas e o esvaziar das garrafas os ânimos foram-se exaltando. Eis que se não quando, N é abordado por um grupo de indivíduos, entre os quais, o seu vizinho. N tentou esquivar-se e ainda que tenha ouvido alguns insultos e afins, apercebendo-se do que se estava a preparar afastou-se. Quando já se encontrava fora do café é perseguido e abordado por um dos elementos do grupo com o qual se envolve numa cena de pancadaria. O desenrolar dos actos prossegue já dentro do recreio de uma escola primária, adjacente ao local em que se encontravam, onde também estavam outras pessoas da aldeia (jovens) no convívio. Entretanto os restantes membros do grupo chegam junto de N e do seu parceiro de pancadaria e cercam N. “Eu já me tinha vindo embora do café porque não me queria chatear... não queria mais problemas (...) depois aquele cabrão veio atrás de mim a tentar-me agarrar... dei-lhe logo um (...) depois vieram os outros todos e cercaram-me, enquanto o outro (referindo-se ao vizinho) me insultava e me dizia que já não ia sair dali (...) mas já não estavam só eles” (sic).

“Quem estava com eles, foi a última pessoa que eu pensei que pudesse estar lá (...) não percebo, ainda hoje não percebo porque é que ele se foi meter (...) aquilo foi o cúmulo para mim (...) depois de tudo que me tinha feito passar... e depois de tantos anos... (...) tinha

falado para mim duas vezes desde aquilo (...) que é que tinha aquele desgraçado de se ir meter naquela história que ele não tinha nada a ver? [pergunta como se soubesse a resposta] (sic). N não sabe depois explicar como se livrou do referido cerco, mas afirma: “não sei como, lá consegui escapar-me... acho que quando a minha companheira foi lá eles me deixaram mas... [suspira] eu já só pensava numa coisa (...) a minha companheira percebeu e gritava... tentava-me deter mas, diz quem viu, que eu até a levei arrastada pelo chão por ela me estar a tentar impedir (...) ela chorava e pedia-me para parar, mas eu não podia deixar aquilo assim (...) aquilo nunca mais ia acabar assim (...) a minha casa era ali perto, 100 metros (...) cheguei a casa e estava completamente desvairado... [suspira] já não conseguia pensar em outra coisa (...) encontrei a caçadeira, carreguei-a à pressa com a munição mais pesada que tinha... deixava cair tudo... quando lá consegui... (...) saí de casa, foi esquisito, por momentos pensei no que estava a fazer, que ia fazer um coisa irreparável, mas não me consegui controlar [suspira]... acelerei o passo e fui directo à escola” (sic).

“Quando estava já perto da escola... aí a uns 20 metros... voltei a parar e pensar no que ia fazer... eu nem sabia bem o que ia fazer... eu acho que quando acontece uma coisa destas nós nem pensamos em condições, só vemos uma coisa à frente... e o que eu via era aquelas pessoas que me estavam a perseguir... e eu não me ia deixar ficar... segui (...) ... quando chego ao pé da escola [suspira] ouço aquela voz... eu sei que pode achar estranho... mas eu lembrava-me daquela voz... ele também era mais velho que eu, a voz não devia ter mudado assim tanto... eu ouvi aquela voz, aquela voz que eu nunca esqueci, desde aquela tarde (suspira) nem pensei... simplesmente disparei! O primeiro tiro dei-o ao longe... acho que em tribunal disseram que estava a 10 metros... para caçadeira é longe... estavam lá mais de 15 pessoas... mas aquela voz... parece que me direccionou (...) depois cheguei-me mais perto e dei o segundo, mesmo à queima-roupa” (sic) Questionado acerca do que sentiu ao disparar afirma: “O primeiro dei por instinto, estava “cego”... nem vi nada... com azar até poderia ter acertado noutra pessoa [suspira] mas aquela voz ... o segundo dei por vingança...” (sic). A pessoa que N acaba por assassinar naquela madrugada, coincidência, ou não, é a mesma pessoa que esteve envolvida no episódio marcante (de abuso) acima descrito.

Depois do Acto – o assumir e o realizar do acontecido

“Na altura ainda pensei fugir... mas para quê? Iria andar a fugir a vida toda... fiz o que fiz... tinha que pagar por isso (...) entreguei-me (...) já estava na esquadra quando me vieram dizer que a pessoa tinha morrido (...) nesse momento tive várias sensações... primeiro um

alívio enorme por ter sido aquela pessoa e não outra... afinal aquele cabrão não era nenhum santo... e para além disso não tinha nada que se ir meter no que não era chamado (...) nunca pensei em vingança pelo que aconteceu... tinha apenas pena dele... acho que nem ele nunca teve noção daquilo que fez (...) apesar de tudo, pensei que tinha tirado a vida a alguém... e isso foi muito forte (...) depois foi o pior [suspira] ... senti um grande nevoeiro à volta... ficou tudo muito negro... a minha vida tinha acabado” (sic). N tinha nessa altura 21 anos.

...

N encontra-se recluso há pouco mais de seis anos. Já depois do início da reclusão, iniciou consumos diários abusivos de heroína. Actualmente, encontra-se num programa de agonista opiáceo – metadona (iniciado há cerca de um ano) e está integrado, há quase um ano, no regime de segregação devido a dívidas acumuladas durante todo o período de dependência. Também durante o período de reclusão, mais concretamente na fase mais aguda da adição à heroína, protagonizou um episódio em que atentou contra a própria vida; evento que N sempre desvalorizou, alegando que estava apenas “desesperado” (sic).

Resta-nos apresentar uma reflexão feita por N, com que encerraremos este segmento: “Eu nunca percebi muito bem tudo aquilo [refere-se ao episódio abusivo] ... só sabia que tinha acontecido algo de errado, que o que ele tinha feito não estava certo... que era algo nojento (...) ele era meu amigo... eu confiava nele! Não percebo porque é que o fez. Acho que mesmo ele nunca deve ter sabido... devia estar confundido. Mas eu não estava! [exalta-se] sabia que dois homens não deviam fazer aquelas coisas (...) depois esqueci, quando passava por ele virava a cara (...) ele ainda falou para mim, duas ou três vezes, mas nunca lhe respondi... era quando aparecia bêbedo lá no café (...) eu tinha pena dele... e nojo (...) os irmãos dele perguntaram-me o que tinha acontecido, mas eu nunca disse (...) só naquele dia [refere-se ao dia do crime], naquela noite de merda [suspira] (...) tinha que lá aparecer... porque é que ele se foi juntar aqueles gajos... já não bastava tudo... ainda ele tinha que ir lá meter o bedelho... (...) nunca me apercebi do marcado que aquilo ficou em mim, pensei que não tinha importância... às vezes lembrava-me, mas tentava pensar noutra coisa (...) mas quando lá cheguei e o vi... ouvi aquela voz e nem pensei... disparei logo... quando cheguei lá ao pé percebi a raiva toda que tinha dentro de mim e dei-lhe logo outro tiro, mesmo nos cornos... (...) arrependo-me do que fiz por estar aqui... mas não me arrependo de o ter matado (...) só tenho pena de antes de o matar não o ter obrigado a contar a toda a gente o que me tinha feito...” (sic).

IV. DISCUSSÃO

Das linhas orientadoras da discussão: uma hipótese compreensiva do caso

Se é, especialmente, o entendimento, compreensão e explicação da passagem ao acto do sujeito, que nos interessa para atestar a proposta do nosso trabalho, é também essencial para esse desígnio proceder à exploração da biografia do sujeito, no sentido de aferir a forma como a sua história de vida dá conta da sua dinâmica intrapsíquica e relacional e, inevitavelmente, do seu universo instintivo-pulsional interno – do jogo de forças entre afectos, agressividade, destrutividade, violência e situações traumáticas. Assim, antes de fazermos essa recensão dos dados e os articularmos com a teoria que acima apresentamos, parece-nos importante realçar os factores e elementos preponderantes que irão orientar a nossa discussão do caso. No nosso entender, desde o momento que denominamos *episódio marcante*, a história de vida do sujeito pauta-se pela oscilação (inconsciente) entre dois registos relacionais e comportamentais distintos: a passividade e a actividade. É esse episódio que inaugura uma série de acontecimentos em que o sujeito ora é colocado no papel passivo, de alvo e de agredido, ora assume funções activas de (pretenso) agressor e que, apenas tem término (referindo-nos apenas ao tempo que passou em liberdade) com a agressão última, que resulta na sua reclusão. Directamente relacionada com este registo dual está a questão da transversalidade da destrutividade, enquanto presença de fundo primária e constante na vida do sujeito. A relação entre a díade “passividade – actividade” e a díade “auto-destrutividade – destrutividade” é pois a base elementar da nossa hipótese, que conhece na experiência traumática o elemento unificador e determinante na compreensão do porquê da instauração destas dinâmicas no sujeito e, em última análise, da razão explicativa do acto *violento* que este protagonizou.

A Inevitabilidade da Destrutividade

Exposta que está a nossa hipótese compreensiva, trataremos agora de discutir os dados acima sumariados, através da lente da mesma. Nesse intuito, não ambicionamos, de todo, a um diagnóstico e, o que deveras nos importa é aferir a dinâmica intrapsíquica (afectiva e instintivo-pulsional) e relacional do nosso sujeito. Para o efeito, tal como na apresentação dos dados, discutiremos os mesmos seguindo a ordem cronológica estabelecida.

Daqueles que são os primeiros anos de vida de N – e referimo-nos aqui ao período que medeia entre o nascimento e a entrada para o 1º ciclo do ensino – parece-nos existirem uma série de situações que devem ser salientadas: o desmame tardio e a forma como o mesmo ocorre; a intervenção cirúrgica a que N foi sujeito por volta dos três anos de vida; a memória do velório do tio e a realização de que já não tinha avós maternos; e, ainda, a exposição aos episódios agressivos, protagonizados pelo pai embriagado, que tinham a mãe e o irmão como alvos. Analisemo-los separadamente. A questão do desmame tardio deve ser analisada tendo em conta dois referenciais distintos. Em primeiro lugar, este aspecto dá-nos conta de uma relação, extremamente, próxima com o objecto primário, que assume contornos de uma grande dependência em relação ao mesmo. Para Freud (2005c), a necessidade do seio é pré-auto-erótica e, por isso, é a experiência do desmame que inaugura o auto-erotismo. Na óptica de Grotstein (1999), é também essa necessidade que inaugura não só a corrente do narcisismo e das relações objectais, mas ainda a corrente do “sentido e da auto-regulação” (p. 23). Ainda na perspectiva do autor, na génese primitiva do “buraco negro” estaria uma grave ansiedade de separação e dificuldades ao nível da individuação. N refere: “a minha mãe já tinha tentado de tudo (...) mas nada funcionava” (sic). A separação do seio só é pois conseguida com o recurso a uma denegação do próprio seio e, em boa verdade, do próprio objecto primário. Em segundo lugar, é este mesmo acto que, brutalmente, destrói a ligação física ao seio materno e inaugura a irrupção preponderante de afectos negativos – em resultado do que se viria a configurar, iremos constatar-lo, como uma exposição continuada a situações de agressão directa ou indirecta – que, no caso do desmame, se caracterizaram pela repulsa e pelo nojo.

Referindo-nos agora à intervenção cirúrgica a que foi submetido por volta dos 3 anos, inclinamo-nos a considerar que, a mesma, pode ter-se configurado como algo perturbador para o sujeito na altura. Numa fase em que a criança “dá o que quer e quando quer” (dinâmica de retenção/expulsão) e em que as temáticas de poder e controlo estão ainda bem presentes (pela recência do primado da economia erótica anal que, por essa altura, pode ainda ser organizador), uma intervenção corporal deste tipo, “alheia à vontade” da criança pode ser sentida como uma agressão e uma ameaça à sua completude narcísica. Por último, iremos agrupar a experiência evocada do velório e a consciencialização da inexistência real dos avós maternos, com os episódios de exposição às agressões do pai, quer ao irmão, quer à mãe. Nas primeiras duas experiências, o que nos parece ser fulcral e transversal é a ideia da ausência, de falta – no primeiro caso, do “espectáculo horrendo” da morte e, no segundo, pelo frustrar de uma expectativa (de conhecer o avô materno); já no caso dos episódios que têm como actor e

“predador” fundamental o pai embriagado, parece-nos que se revestem de afectos claros de medo e de receio pela integridade (física e/ou psíquica). Quando N refere que “quando tinha cinco anos tinha muitas vezes medo” (sic) e descreve depois o porquê do emergir dessa angústia (o comportamento habitual do pai), inclinamo-nos a considerar que é o medo de aniquilação que sai reforçado (Klein, 1985a); ou ainda, na perspectiva de Grotstein (1999), é a activação da resposta de medo que dá conta da expressão da pulsão de morte, enquanto empreendimento contra-reacional à aproximação da experiência do “buraco negro”, da ameaça da desintegração psíquica e, neste caso, física. Temos pois que o que brota da história de N, nestes primeiros anos de vida, se coaduna com uma vivência construída à sombra da dependência da mãe, que com o desfazer brutal da expressão concreta dessa dependência (o desmame) é confrontado com um mundo externo do qual colhe, essencialmente, afectos negativos e onde a “ameaça da morte espreita a cada dia”.

Neste ponto da nossa explanação, parece-nos útil e pertinente abordar aquela que terá sido, grosso modo, a provável situação edipiana do sujeito. Julgamos que, por força de uma figura paterna muito forte e mesmo temida – e, na égide da qual, a angústia de castração conhecia uma possibilidade efectiva de tradução no real, pelas constantes agressões que o pai perpetrava e a que N assistia – o investimento sexual da mãe foi escasso, ou pelo menos fugaz (nem tanto pela culpa advinda da *presença* e hegemonia do pai na relação com a mãe mas, sobretudo, pelo receio concreto que tal implicava); o que, no caso de N, assume importância redobrada pelo tipo de relação, extremamente, dependente que subentendia a relação com a mãe enquanto objecto primário. O Édipo configura-se então como o primeiro momento em que N, realiza a reunião com o objecto primário (agora sexual) como inatingível. Mais ainda, julgamos que a desintoxicação de álcool do pai subentendeu um processo de reelaboração do pai (no universo mental e fantasmático de N). Num primeiro momento, em plena triangulação edipiana, existe um pai quase onnipotente que é temido e alvo de uma agressividade que não pode ser, sequer, *expressa*. Já num segundo momento (depois da desintoxicação), parece-nos que devido ao “amenizar” do registo do pai, abre-se não só a possibilidade deste ser agora investido positivamente e configurar-se como fonte de identificação para N mas, acima de tudo, da agressividade imbuída nessa relação ser alvo de uma elaboração psíquica mais eficaz.

Os anos que se seguiram, com a entrada na escola e o alargar das possibilidades de investimentos objectais, trazem à tona as primeiras reacções intempestivas. Estas reacções – algo impulsivas, se quisermos – surgem num contexto muito específico. Por um lado,

começamos a notar aqui uma tendência que, no nosso entendimento, é norteadora do funcionamento psíquico de N – o fraco investimento objectal e, conseqüente retirada narcísica. “Gostava de brincar sozinho (...) sempre fui muito recatado” (sic). Por outro lado e na decorrência deste último dado, inclinamo-nos a considerar que começa também aqui a emanar uma característica fundamental de N: a passividade. Esta passividade – a mesma com que assistia, siderado pelo medo, às agressões do pai – parece-nos que só vinha contribuir para o fraco investimento e descarga pulsional no mundo externo, às custas de uma sobrecarga de um Ego - já o vimos - muito ameaçado pelas imposições da realidade. Julgamos que é da necessidade de atenuar essa sobrecarga, que surgem as referidas reacções impulsivas. Devemos ainda notar que, mais uma vez, as temáticas de morte reaparecem nesta fase. A morte da avó, com quem N teria uma relação próxima (iremos notar que, ao longo da sua história, das poucas relações, realmente, objectais que N estabelece, quase todas são com mulheres) e a intervenção cirúrgica e subsequente internamento do irmão são prova disso.

Se já para qualquer indivíduo, a adolescência é fase determinante e decisória (pela última oportunidade que proporciona de reestruturação psíquica profunda), no caso de N, esse aspecto é exponenciado pelas especificidades da experiência que protagoniza por essa altura. Percebemos pela descrição de N que, quando já as alterações físicas da puberdade estavam em curso e o interesse pelo sexo oposto despontava, algo vem abalar, profundamente, a psique de N. Julgamos que, o que acima identificámos como *episódio marcante* deve ser analisado de forma tripartida, pois as conseqüências do acontecimento versaram sobre três aspectos diferenciados mas que, no seu todo, contribuíram não só para vir intensificar dinâmicas já presentes em N, como para inaugurar outras, que se viriam a tornar decisórias no futuro do sujeito. O próprio acontecimento, na nossa opinião, conhece dois momentos distintos: um primeiro momento em que acontece o abuso, propriamente dito; e, um segundo momento, no qual existe uma continuação desse mesmo abuso, mas agora com registos de actuação, por assim dizer, diferentes por parte dos intervenientes e, em particular de N (cf. adiante). Quanto ao primeiro momento, do que é concreto e manifesto, a situação abusiva configura-se (no momento em que decorre) como um profundo “contra-senso” para N. Um contra-senso, tendo em conta (aquilo que seriam) os princípios e moral de N à altura: do que deve acontecer entre duas crianças, entre dois homens e, sobretudo entre dois amigos pois, para N, em primeira instância, o acto de que é vítima é, sobretudo, uma traição. Chamamos a atenção para o seguinte excerto: “ele era meu amigo... eu confiava nele! Não percebo porque é que o fez. Acho que mesmo ele nunca deve ter sabido... devia estar confundido. Mas eu não estava!”

(sic). Julgamos que as questões que se instalam desde logo em N são, por exemplo: “*O que é que posso ter feito para lhe indicar que tal acto seria do meu interesse? E em que momento o fiz? Será que ele não me conhece? Nunca me conheceu? Afinal não sabe quem sou?*” Pelo contexto relacional em que os dois se inseriam, pela possível relação assimétrica que existiria (devida à diferença de idades) – na qual, provavelmente, o agressor seria até visto como um modelo, ou pelo menos como uma fonte forte de identificação – são estas questões, em conjunto, obviamente, com o próprio acto em si, que instalam o caos psíquico. Por fim, esta agressão tem também o condão de ocorrer numa altura que, como bem assinala a literatura, se caracteriza pela escolha do objecto sexual e da orientação sexual (a identidade de género, essa, parecia já estar bem definida) e na qual a “homossexualidade” joga ainda um papel importante. Aliás, na nossa opinião, é o medo latente da homossexualidade que acaba por sair reforçado pelas implicações que este acontecimento arrasta e é aqui nota dominante. A sua acção e interacção directa com a questão da masculinidade irá conhecer, ao longo da história de vida de N, manifestações mais ou menos expressas e concretas. É, ainda, indubitável assumir o teor de ameaça psíquica que este acontecimento encerra. A intromissão brutal, não só no espaço vital mas, acima de tudo, no que é a integridade narcísica de N é, naquele momento (e para sempre), psiquicamente “indigestível”: a estranheza, a confusão, a incompreensão, o desconforto, a vergonha e o medo instalam-se.

Já o que ocorre no segundo momento é de outro registo. Iremos destacar o seguinte excerto: “Eu não percebi muito bem o que se tinha passado, porque é que ele tinha feito aquilo, mas sabia que aquilo era errado e... e senti-me mal... (...) depois pedi-lhe para ir embora (...) tive de ir com ele na mota... e senti que ele continuava na mesma [gesticula descrevendo uma erecção] ... eu não aguentei... a meio do caminho pedi-lhe que parasse e fui o resto a pé” (sic). Parece-nos que, o que emana desta afirmação é que este segundo momento encerra uma alteração naquilo que N julga ter sido a sua actuação e participação na experiência traumática. Se no primeiro momento N é tomado de surpresa, numa situação a que qualquer um estaria sujeito (quem iria desconfiar de um amigo? Como N afirma: “confiava nele” (sic)), já no segundo momento e talvez ainda turvo pela estranheza e confusão da situação precedente, N, por assim dizer, perdoa (simbolicamente) ao agressor o acto que este tinha perpetrado e, inclusive, pede-lhe para irem embora, juntos. Na nossa óptica, esta posição de N – apesar do que tinha ocorrido – continuar na presença do agressor e dispor-se a ir com ele embora é depois perspectivada (por N) como se tivesse, ele próprio, passado um atestado de impunidade, um “está tudo bem” e quase como se perdoasse o seu agressor (cf.

adiante). Aquilo que ocorre depois, com a constatação por parte de N da ainda excitação do seu agressor, configura-se como um rude golpe para N; no limite, só o realizar da nova traição e agressão, agora “consentidas”, conduzem N a, finalmente, abandonar o agressor.

Expostos os dois momentos, façamos a análise tripartida do evento. Em primeiro lugar é necessário realçar as implicações para a dinâmica relacional de N. No nosso entender, os investimentos objectais do sujeito (se até aí já eram pobres e em número diminuto) são profundamente afectados. A traição de que falamos em parágrafo anterior é (des)estruturante, pois parte do único indivíduo que, ao longo de toda a sua história de vida, N identifica como *verdadeiro* amigo. Este parece ter sido o primeiro real investimento objectal de N, fora do círculo familiar (e das mulheres em especial – mãe, tia-avó e a avó paterna) e, como é explícito, a relação não correu (muito menos terminou) da melhor forma, pois tanto foram goradas as expectativas do devir, como posto em causa o construído até aí. Assim, a partir desse momento, o que N regista no seu entendimento do(s) outro(s), (que até aí já era “figura” distante) são temáticas de desconfiança, receio, traição e agressão. Será esta relação que, a partir daí, irá condicionar os investimentos relacionais, tornando-os, cada vez mais, meras consequências da integração num contexto familiar e social e dotando-os de objectivos muito mais instrumentais do que, propriamente, de partilha. Em segundo lugar, o que fica deste episódio inscrito na psique de N é, sem sombra de dúvida uma situação traumática para a qual o sujeito não teve, claramente, elaboração possível. O acto abusivo em si, da forma inesperada como ocorre, na altura em que ocorre e tendo origem não só na pessoa em causa mas, acima de tudo no que esta representava, contribuíram para que o evento e os afectos associados se inscrevessem de forma permanente no psiquismo do sujeito, constituindo um núcleo traumático profundo (Freud, 2005b; Williams, 1984). É a situação de ameaça à integridade psíquica (e mesmo física), a ameaça ao narcisismo, de perda do controlo do seu corpo, da sua vontade, enfim de si, que fica para sempre registada em N. Por último, parece-nos que aquele que identificamos como o segundo momento do episódio traz ainda outras consequências para N. Na nossa opinião, o instante em que o sujeito pede ao agressor para irem embora, em que se “curva” perante o outro, é, *a posteriori*, significado por N como uma falha sua terrível, da qual nunca se refaz. N vê nesse momento uma demonstração da sua passividade e, mais que isso, intimamente, sente que é a sua permissibilidade que o faz passar do papel de simples vítima (já o dissemos, numa situação a que qualquer um poderia estar sujeito), para o papel de vítima participante (interveniente) na perversão do outro. Quando N não toma uma postura de fuga – do local, ou “para a frente” (e.g. defendendo-se, agredindo o outro) -, fruto do estado

quase de choque, que se apodera de si após o abuso e, pelo contrário, fica, não reage (não consideramos o “pedir para parar” propriamente uma reacção, mas sim mero desespero) e ainda se predispõe a abandonar o local em conjunto com o agressor, indirectamente (e a título simbólico), consente o abuso. Mais que isso, a ausência de reacção imediata inaugura a “cultura do segredo” entre os dois, que não conhece anulação com o corte de relações (unilateral, deduz-se) que só ocorre depois; e é essa cultura de segredo (que irá perdurar durante anos, com encontros “sociais” frequentes) que também vem reforçar para N, aquela que poderia ser uma mensagem subliminar para o outro: a de que para além do consentimento que tinha, indirectamente, firmado, também a possibilidade de em outro momento e em outras circunstâncias o mesmo voltar a ocorrer. Será então o peso existencial, a culpabilidade gerada por esta assunção que, invariavelmente, fará surgir a auto-destrutividade. É ainda interessante constatar o tipo de afectos imbuídos na representação deste outro, no psiquismo de N: “eu tinha pena dele... e nojo” (sic). Atrevemo-nos a perguntar – e julgamos que os dados do caso mostram (“quando cheguei lá ao pé percebi a raiva toda que tinha dentro de mim”(sic)) se este nojo não seria mais um ódio? Mais que isso, perguntamo-nos se a pena era do outro por ter feito o que fez, ou de ambos por terem perdido a relação pura (parece-nos que N a perspectiva dessa forma) que tinham até aí? Para ambas as questões, a resposta é afirmativa. Percebê-los, também, com o restante desenrolar da discussão.

Dos anos que se seguiram (até à entrada na idade adulta), importa-nos destacar uma série de elementos da dinâmica intrapsíquica e da dinâmica relacional e comportamental. No âmbito das relações com o sexo oposto, estas foram esporádicas e não é dada especial importância a nenhuma (mesmo aquela que corresponde à primeira experiência sexual, parece ter surgido circunstancialmente). Já as relações com amigos aparecem despersonalizadas, não referindo N ninguém em especial e, acima de tudo, mais do que reais investimentos objectais, são fruto de necessidades e circunstâncias. Os pequenos delitos e os consumos fazem parte desse elenco. Porém, N continuava a sentir-se melhor sozinho, embrenhado no seu mundo, na sua natureza. Chamamos a atenção aqui para dois aspectos: por um lado, o simbolismo de “só eu e a natureza” (sic) – talvez com uma tradução psíquica próxima da procura do objecto primário e da mitigação dessa dependência; e, por outro, a predilecção não só pelas armas, mas pela “matança”, no que consideramos ser uma possível reminiscência, da destrutividade orientada para o exterior. Os cépticos diriam que o contexto sociocultural em causa – meio rural, a caça, etc. – é propenso à utilização das armas; mas, na nossa opinião, não só disso se trata e, como veremos adiante, a inclinação de N por actividades direccionadas para as

temáticas ligadas às armas - e à destruição, pois isso implica o uso das mesmas –, à morte e às “matanças”, voltará a aparecer. Também a escola, que N acaba por abandonar precocemente, não lhe despertava grande interesse; nem a escola, nem os professores, nem os colegas. Para além disso, N tinha em vista começar a trabalhar e a independência financeira. É curioso constatar que N sai de casa, mas para uma casa ao lado. Se a sua tendência desobjectualizante (e de voltar-se para si próprio) se mantinha e até se tinha intensificado (em consequência do ocorrido) e, o primado da destrutividade começava a mostrar os seus efeitos; parece-nos que a relação muito estreita de dependência em relação ao objecto primário continuava também a exercer uma força gravitacional em N (em torno da mãe e do que tinha sido uma relação quase fusional, até à bruta interrupção da mesma). Os próprios consumos excessivos, nomeadamente os de álcool, julgamos serem significantes não só da acção da auto-destrutividade, mas também uma das movimentações contra-reaccionais em relação à proximidade do “buraco negro”(Grotstein, 1999): na procura da auto-regulação primária – a qual, não podendo o sujeito recuperá-la, irá tentar substituí-la. No caso de N, o desejo de mamar foi cruelmente negado, o que implicou o recalçamento dessa mesma pulsão e dos afectos ligados à representação do seio da mãe (naquela altura já a mãe, toda ela). É com o reactivar brutal da adolescência que acontece o retorno da pulsão ávida e dos afectos a ela associados que, neste caso, parece-nos, por meio de uma formação substitutiva: a representação (seio/mãe) foi substituída pelas substâncias. Assim, a satisfação é garantida pelo deslocamento dos afectos prazenteiros do mamar (e também os resquícios da simbiose arcaica), nas diversas sensações produzidas pelas substâncias tóxicas. Em suma, na nossa opinião, N continuava a viver e a relacionar-se no limiar do seu próprio “buraco negro”, da sua (auto-)destrutividade e nem os esforços para reconquistar a completude que a relação primária teria proporcionado (brutalmente perdida), nem as fracas descargas e investimentos pulsionais dessa destrutividade no exterior, pareciam permitir-lhe fugir a si mesmo.

A entrada na vida adulta trouxe consigo algumas alterações. De resto, parece-nos que é o período que medeia desde esse momento (mais concretamente desde que conhece aquela que se viria tornar a sua companheira actual) até ao início das reais hostilidades, que viriam depois a terminar no crime, que se constitui, apesar de tudo, como o período mais “estável” da vida de N. A nível laboral, agregou às actividades que já desempenhava a lide das matanças e do desmanche do gado. Se como o próprio refere, tal lhe rendia boas maquias e uma popularidade invejável na sua localidade e nos lugarejos em volta (e portanto algum reforço narcísico), na nossa opinião, essa actividade também lhe rendia a possibilidade de alguma

descarga pulsional: exportando alguma da energia agressivo-destrutiva para o mundo externo. Ao nível relacional esta foi altura de novos investimentos objectais, com especial importância para a relação com a companheira, que a julgar pela descrição que é feita por N, era não só um garante de “estabilidade” emocional, mas também um poço de confidências: “sempre lhe contei tudo e ela a mim, nunca houve segredos” (sic). Destacamos esta passagem, pois esta característica é também focada na descrição que N faz da mãe: “sempre me pude abrir com ela sem problemas. De resto, lembremos que no que toca ao *episódio marcante*, como afirma N, este só foi revelado à mãe e já muitos anos depois, a uma terapeuta feminina. Quanto à relação com o irmão, se retirarmos aquilo que julgamos ser uma idealização de infância (quando refere uma maior proximidade nessa altura), julgamos que a mesma é quase nula. A relação com o pai é descrita de forma invulgar. Quando se refere à mãe e à companheira, N foca um registo interaccional e de partilha. Já quando fala do pai o registo é mais distante e, embora N faça um esforço para que essa descrição seja positiva: “meigo (...) amigo” (sic), parece-nos que o que emana é mais da índole daquilo que podemos identificar como o aspecto funcional que o pai (apesar de tudo) trazia para a família: “homem justo (...) sempre teve muita cabeça, nunca nos faltou nada e foi fazendo sempre o seu pé-de-meia” (sic). Na nossa opinião, tal resulta da relação extremamente conflituada (mormente a nível fantasmático, já o referimos) que N foi mantendo com o pai, na qual a agressividade (tal como a conceptualizamos) é ainda preponderante e alvo de constantes reacções defensivas em prol da manutenção do que é a crença sociocultural arreigada de N, acerca do que deve ser um *pai*.

Outro das relações que surge como, minimamente, investida refere-se ao filho da vizinha de N, que se viria a tornar bastante próximo de N. É do extinguir, também abrupto, desta relação que a narrativa que iria culminar no crime de N, se constrói. Convém, antes de mais, realçar o contexto de conflito inter-famílias (o barulho, as desavenças, o envenenamento dos cães de N) que antecede esta relação. Ainda assim, parece-nos questionável considerar esta relação como uma verdadeira amizade, em detrimento do que nos parece ter sido uma confluência de interesses e circunstâncias – idades similares, proximidade geográfica, os consumos de haxixe, etc. Alicerçamos também esta nossa ideia por alguma depreciação com que N se refere ao vizinho. Não o apelidando pelo nome próprio e despersonalizando-o como, de resto, é comum em N: “o outro fugiu logo”(sic). Ou focando a pretensa inferioridade do vizinho, enquanto homem: “(...) e eu é que fiquei com ela (...) chegou a chamar-lhe «maricas»” (sic). Pretendemos pois afirmar, que no nosso entender, a merecer a denominação de amizade, esta relação conheceria um registo muito frágil da mesma. Todavia, este excerto é

também demonstrativo de como a questão narcísica da masculinidade é um tema presente para N. Mais que isso, esta verbalização de N é também demonstrativa da inversão inconsciente que, no plano fantasmático, o sujeito opera. Aí, nesse episódio, não é ele já o “maricas” (como outrora). Aí *ele foi homem*, activo e corajoso, ele defendeu-a. O passivo, o cobarde, o “marcias” foi o outro, o que fugiu. No limite e se quisermos fazer alusão ao imaginário edípiano, nesta triangulação foi ele o elo mais forte, e quem *ela* preferiu.

Assim, é da conquista da atenção da rapariga, por parte de N, que a relação entre este e o vizinho conhece um entrave, que os irá afastar, irremediavelmente, e que dará início a uma deterioração, que compreende uma cadeia de eventos que descreveremos de forma breve. Inicialmente, existem algumas trocas de insultos e ameaças. Posteriormente e já com a vizinha envolvida, novas ameaças são feitas, por telefone e pessoalmente. A esta fase de, digamos assim, “guerra fria” sucedem-se os primeiros actos físicos e inicia-se também nesse momento, o que julgamos ter sido um período temporal em que, para N, a ameaça à sua integridade física e psíquica (e ao seu narcisismo) estava e ficaria cada vez mais presente, até ao ponto do insuportável. Dessa altura N relembra que a vizinha o tentou atropelar a si e à sua mãe (o que, no caso específico de N, deve ter-se configurado como uma ameaça mor, pelo valor simbólico e real da mãe). Sucede-se depois uma agressão à *traição* (e aqui a temática da traição, como bem sabemos, é recorrente) por parte do vizinho a N, da qual N não especifica a qualidade, ainda que nos pareça ser possível deduzi-la através da análise da reacção de N: o sujeito, quando perspectiva a ameaça como real e próxima, tem aí o primeiro transbordamento emocional (pulsional) e, parte numa busca pela aldeia, munido de uma arma branca, até ao momento em que encontra o seu alvo e ameaça este, directa e contundentemente. Observamos também que, depois de exposto a nova situação em que encarna o papel de agredido, N volta a procurar a inversão do registo. Se aqui nos parece que o comportamento é mais reaccional, aquilo que nos convém sublinhar é o registo simbólico do acto de N. O uso da arma branca – da faca – reveste-se também da particularidade de que N ameaça o outro com um objecto penetrante, portanto com uma penetração. Parece-nos que não estaremos a ir longe de mais, quando assumimos que a inversão da situação traumática conhece aqui já um protótipo rudimentar, quando o sujeito ameaça o seu agressor actual com “o mesmo acto” e da mesma forma que, ele próprio, foi ameaçado e agredido no passado. Julgamos que, nessa altura, a destabilização em N era já óbvia e a sua habitual passividade começava a já não dar conta da sua fúria destrutiva, que aqui e ali (como neste episódio da arma branca) irradiava deflexões para o exterior, vectorizadas pelo interesse e necessidade de sobrevivência física e psíquica do

ego do sujeito, atribuindo preponderância ao registo activo de N. Parece ter havido depois um interregno nas hostilidades que, todavia, pouco durou e que, inclinamo-nos a afirmar, não foi suficiente para amenizar o clima de alarme e agitação psíquica em que N se encontrava.

Na nossa perspectiva, os acontecimentos que têm lugar no dia do crime surgem na continuação da situação de ameaça que N já vinha experimentando de algum tempo a essa parte e, encontram nesse dia o catalisador último para que o inevitável se consumasse. É já com a referida festa da aldeia adiantada, que N é abordado pelo grupo de indivíduos, de entre os quais se contava o seu vizinho. N, inicialmente, esquivava-se e faz “vista grossa e ouvido mouco” aos insultos e investidas dos elementos do grupo. Ainda assim, N é perseguido e acaba por se envolver numa troca de agressões. É interessante assinalar que N refere a intenção de evitar o confronto: “eu já me tinha vindo embora do café porque não me queria chatear... não queria mais problemas” (sic). Contudo, já com a pancadaria em curso, os outros membros do grupo cercam N e é o próprio vizinho de N que lhe afiança, aquilo que era já óbvio: “o outro insultava-me e dizia que já não ia sair dali”. No nosso entendimento, até este momento da narrativa os cenários possíveis mantinham-se inalterados, em relação ao que qualquer indivíduo poderia experienciar nesse tipo de situação: N sentia-se ameaçado na sua integridade física e psíquica: estava a ser, publicamente, insultado, agredido e humilhado. Tendo em conta a história de vida de N e o até aqui discutido, parece-nos que só por si, esta situação poderia dar origem (no caso de N se conseguir desenvencilhar do cerco) a uma reacção imediata, ou *a posteriori* – quiçá na medida do episódio com a arma branca, se não em medida maior (e mais grave). Porém, esse cenário é, meramente, hipotético. O que nessa noite se passou, na perspectiva e experiência de N, foi bem mais além do que a simples situação descrita e, assim foi, pela presença de outrem – um “fantasma” do passado. A afirmação de N “mas já não estavam só eles” (sic) dá-nos conta da entrada, por parte do sujeito, num estado de quase “loucura transitória”. N adita ainda: “quem estava com eles, foi a última pessoa que eu pensei que pudesse estar lá (...) não percebo, ainda hoje não percebo porque é que ele se foi meter (...) aquilo foi o cúmulo para mim (...) depois de tudo que me tinha feito passar... e depois de tantos anos” (sic). É esta assunção da presença do antigo agressor que provoca o curto-circuito de que fala Williams (1984) e traz à tona o há muito submerso “núcleo traumático”, que encontra nas circunstâncias da realidade, o contexto necessário à sua expressão e acção nefasta. Se considerarmos a proposta de Villerbu (2010), percebemos que no caso de N, podemos encontrar os quatro vectores de vulnerabilidade à reactivação do trauma descritos pelo autor. O vector “modo operativo”, neste caso específico,

encontra-se na partilha das temáticas de humilhação, vergonha, ameaça narcísica e da integridade física e psíquica de ambas as situações (a do episódio abusivo e a de todo o período de contenda entre o N e o vizinho, com especial incidência para o momento do cerco do grupo a N). O vector “estilo de vida” surge na decorrência do anterior e é acentuado pela exposição e humilhação pública a que N é sujeito na situação do cerco. O vector “oportunidade ou confluência dinâmica de oportunidades” é aqui também exponenciado, pois para além do mesmo se verificar (pois surgem novos agressores que perpetuam actos que compreendem tipos semelhantes de sensações, afectos e ameaças), também o antigo agressor está presente. Por último, o vector “organização psíquica” está também presente, especialmente, se tivermos em conta a forma como N age no confronto com a realidade interna e externa, oscilando entre a passividade e a auto-destrutividade e a irrupção brutal de respostas agressivo-destrutivas, por parte da função de afirmação e auto-conservação do Ego.

N, apoderado pela acção do núcleo traumático, enceta então uma jornada sem retorno. Só já depois de ter a arma carregada – primeiro à saída de casa e depois já cerca da escola – tem dois pequenos vislumbres de lucidez: “saí de casa (...) por momentos pensei no que estava a fazer, que ia fazer um coisa irreparável, mas não me consegui controlar (...) fui directo à escola”; “quando estava já perto da escola (...) voltei a parar e pensar no que ia fazer (...) eu acho que quando acontece uma coisa destas nós nem pensamos em condições, só vemos uma coisa à frente... e o que eu via era aquelas pessoas que me estavam a perseguir... e eu não me ia deixar ficar... segui” (sic). O que é possível retirar das palavras de N é algo de um registo narcísico muito profundo. Aqui, na nossa opinião, o que está, verdadeiramente, em causa é uma escolha muito simples para o sujeito: a passividade – a “velha” passividade que tantas vezes o fez “virar-se para dentro”, a passividade que o fez ficar calado naquele fatídico dia, que o fez sentir-se envergonhado, humilhado e culpado durante todos os anos que se seguiram, auto-destruindo-se pouco a pouco – ou, pelo contrário, a actividade, a afirmação narcísica que subentende a dialéctica do “*desta vez eu não vou ficar calado, desta vez eu reajo, desta vez eu ajo, desta vez eu digo basta*”, num esforço que para além de supor a sobrevivência física e psíquica entoa ao mundo, e em especial ao seu antigo agressor, um grito ao estilo *do Ipiranga* - em que o lema *independência ou morte* (daquele que viria a tornar-se D. Pedro IV de Portugal) dá lugar, no caso específico de N, ao lema *sobrevivência ou morte*. É o próprio sujeito que realiza, *a posteriori*, a importância que a situação traumática assume: “(...) nunca me apercebi do marcado que aquilo ficou em mim, pensei que não tinha importância... às vezes lembrava-me, mas tentava pensar noutra coisa” (sic). E, se dúvidas

houvesse, acerca da (pre)determinação de N – como alude Williams (1984), quando refere o automatismo que a reactivação do núcleo traumática encerra – é a voz a “última gota”, enquanto significante mnésico da força do trauma: “quando chego ao pé da escola (...) ouço aquela voz... eu sei que pode achar estranho... mas eu lembrava-me daquela voz... (...) aquela voz que eu nunca esqueci (...) nem pensei... simplesmente disparei!” (sic). Patente também nas palavras de N está o registo dual, que é esteira do seu acto: “o primeiro dei por instinto (...) o segundo dei por vingança...” (sic). Não nos parece desadequado considerar que o primeiro disparo tem mais que ver com a função de auto-conservação do ego – a anulação da ameaça à continuidade existencial do sujeito –, enquanto o segundo disparo é mais do foro da destrutividade e da sua acção e, por isso, das pulsões de morte. Como o próprio Freud (in Bergeret, 1984) avançou, a destrutividade pura conhece três etapas. Na nossa opinião, parece-nos ser mais adequado falar de três registos. No caso de N, o primeiro registo, em que a pulsão está direccionada para o exterior (mais ou menos intrincada) pouca expressão conhece; o segundo, no qual à conta de encontrar obstáculos (e razões para tal) no exterior, se volta para dentro e se transforma em atitudes de auto-destruição é, na nossa opinião, o que conhece uma manifestação mais ampla em N; por último, o registo extremo, limite, em que para evitar a própria destruição, o sujeito se vê compelido a destruir elementos do mundo exterior é o que explica, especificamente, o segundo disparo de N – aqui subsidiado pela raiva, ódio, vontade de vingança e necessidade de afirmação narcísica: “ (...) quando cheguei lá ao pé percebi a raiva toda que tinha dentro de mim e dei-lhe logo outro tiro (...) arrependo-me do que fiz por estar aqui... mas não me arrependo de o ter matado (...)” (sic).

Terminaremos este segmento com a análise do seguinte excerto: “só tenho pena de antes de o matar não o ter obrigado a contar a toda a gente o que me tinha feito...” (sic). Na nossa opinião, essa não era, realmente, a vontade (deveríamos dizer necessidade) de N. Com efeito, julgamos que a verdadeira pretensão de N – que acabou frustrada, e já perceberemos as implicações de tal facto – era de que o seu antigo agressor, no momento antes de N o aniquilar, percebesse e realizasse algo que, no entendimento de N, nunca teria ficado claro e continuava a ser motriz da sua culpabilidade em relação ao que tinha ocorrido. Naquele instante, antes de sucumbir, deveria ficar claro para o antigo agressor que a responsabilidade pela perda daquela relação valorizada (pelo menos por N) era dele, que N nunca desejou, mostrou disponibilidade, consentiu ou aceitou aquilo que este lhe tinha feito e o dano irreparável que tudo isso provocou em N. Queremos com isto dizer que, na nossa óptica, o acto perpetrado por N, não deu um fecho à sua história, nem pôs fim à sua culpabilidade e à

auto-destrutividade; como está patente, de resto, nos dados actuais da vida de N: os consumos abusivos de heroína e as dinâmicas inerentes às dívidas, que o confinam a um regime de segregação, que se caracteriza por uma deterioração (e destruição) intensa do indivíduo e o próprio *acting-out* auto-agressivo, que mencionamos já no final da apresentação dos dados.

No limite, surge-nos uma ideia: se a única esperança de N se livrar, não da experiência traumática mas da assunção e percepção da sua participação activa e aceitação da mesma residia na possibilidade (real ou não), de o seu agressor realizar a sua total e exclusiva responsabilidade no sucedido, então, quando N leva a cabo o assassinato e, de facto, dá um passo em frente e assim afirma o seu narcisismo e a sua onnipotência, o passo que dá, dá-o para um precipício. Parece-nos, enfim, que a metáfora adequada é a seguinte: quando N, num suspiro de ódio e vingança dispara o segundo tiro contra o seu agressor, dispara na verdade contra a lembrança viva (aquele que é o símbolo humano) da sua culpa, da sua dor e da sua mágoa. Dispara contra um espelho, contra a sua imagem, contra si mesmo e a sua história. É pois a si e à imagem idealizada resultante da possibilidade de um novo “si” que, verdadeira e irreparavelmente, N desfaz em pedaços ínfimos.

A ideia final com que terminamos este segmento é, sabemos-lo, polémica. Nesse sentido, compete-nos questionar: *Foi este acto, afinal, não só desmesurado como improdutivo para uma possível reparação psíquica do nosso sujeito? Tratou-se então apenas de um evento em que a destrutividade, por intermédio da violência, encontrou deferência no horror da morte?* Inclino-nos a responder que, no limite, sim. A possibilidade do sujeito aspirar – e sublinhamos que só levantamos a hipótese de uma aspiração – à redução da sua culpabilidade e, conseqüentemente, diminuir a preponderância da destrutividade no seu funcionamento psíquico encontrava-se no limbo entre a noção de posterioridade (Freud, 1950, 1981a) e trauma (Freud, 2005b; Villeru, 2010; Williamms, 1984). Assim, se foi essa condição essencial da psique – a de posterioridade – que em conjunto com a actividade constante do núcleo traumático e as suas ramificações no psiquismo do sujeito, que sempre mantiveram em aberto a possibilidade de uma reactualização da situação traumática, foram também a intensidade e importância dessa experiência que sabotaram, à partida, um possível novo sentido e eficácia psíquica (Freud, 1981a). O acto em causa permite assim ao sujeito, naquele momento, não só escapar a uma ameaça concreta percebida (mas também re(fantasiada)), como efectuar uma afirmação do seu narcisismo e uma descarga destrutiva maciça no mundo externo mas, de todo, lhe permite escapar à sua culpabilidade (e à memória desta) e à sua auto-destrutividade.

V. CONCLUSÕES

A proposta que apresentamos, no início deste trabalho, aspirava à compreensão do possível efeito e papel que (um)a experiência traumática individual passada, representaria numa possível expressão violenta do presente, não só como (re)atualização dessa mesma experiência, mas como uma erupção da destrutividade, enquanto dimensão essencial e motriz do ser humano. Nesse sentido, procuramos e encontramos resposta para a nossa indagação, ao aferir como o núcleo traumático é não só responsável pela instauração de dinâmicas do foro da (auto-)destrutividade, como pela expressão e externalização dessa mesma destrutividade, aquando da reatualização da experiência traumática. Mas, no nosso empreendimento, fomos ainda mais além, ao compreender como a violência – para a qual começamos por dar um entendimento generalista (na nossa introdução), especificando-lhe a qualidade com o desenvolver das páginas – emana, directa e indirectamente da destrutividade, conhecendo por isso duas vias, justificações e objectivos. Enquanto erupção abrupta da destrutividade, quando esta se dirige ao exterior, com o intuito claro de destruir algo ou alguém. Ou, no registo mais instrumental, funcionando ao serviço das necessidades de auto-conservação e afirmação do indivíduo, não conhecendo objecto ou alvo *a priori*, mas apenas um patrono, que faz uso da energia investida em si para fazer face às exigências e imposições da realidade – o Ego.

Para atingir os nossos propósitos, as reflexões sobre o caso que apresentamos foram decisivas. Porém, se a escolha deste caso, em particular, foi bem propositada, quer pela riqueza do mesmo, quer pela sua relação estreita com as temáticas teóricas que pretendíamos desenvolver, estivemos sempre cientes de que ao debruçarmo-nos sobre os dados da forma como o fizemos e ao levantarmos as hipóteses que apresentamos estaríamos a abrir um flanco à crítica intransigente, mas pertinente, dos que se opõem não só a um antagonismo entre pulsões de vida e pulsões de morte como conflito fundamental da dimensão pulsional humana, mas ao próprio postulado da existência das pulsões de morte. Sabemos também que a ideia que lhe está associada, tal como a apresentamos, de duas tendências opostas entre si (o *continuum* ligação – continuidade – construção e o *continuum* desligamento – descontinuidade – destruição) é, da mesma forma, controversa. Contudo, para a prossecução do nosso intento foi inevitável sermos coerentes com a nossa posição e perspectiva teórica e tal implicou, não só atender às perspectivas e hipóteses existentes, como também adicionar-lhes algo de novo, num entendimento que, como referimos, pretendemos novo e unificado.

Desde logo, pela revisão alargada que fizemos da literatura, ficou claro que da “escuta” de todos os autores emana uma clara necessidade e inclinação a considerar sentidos opostos, ou pelo menos concorrentes, na vida psíquica; e tal verifica-se, inclusive, nos autores que mais se tentam distanciar do dualismo e/ou do antagonismo pulsional. No seguimento dessa constatação, mas não satisfeitos com essa condição *per se*, consideramos também pertinente e lógica a adição de “um terceiro actor” na dinâmica instintivo-pulsional e, para isso, reflectimos acerca do possível investimento arcaico (e daí em diante contínuo) do Ego pela energia das duas classes pulsionais. Julgamos ainda (como referimos antes) que a preponderância, irrevogável, do Ego enquanto instância psíquica de suma responsabilidade na gestão das instâncias e do conflito intrapsíquico e como *locus* operatório das funções de auto-conservação e afirmação narcísica do indivíduo é dado preponderante e que atesta essa hipótese. Parece-nos também importante notar a razão pela qual optamos por não utilizar nenhum termo, para denominar a energia das pulsões de morte – e da pulsão de destruição, enquanto a pulsão de morte por excelência. A verdade é que nos deparamos com duas hipóteses: utilizar termo já conhecido do jargão analítico (*thanatos, destrudo*, etc.) ou criar um a preceito. Francamente, aludindo à condição inicial e quase de rascunho, que reveste a proposta desenvolvida acerca deste tema em particular, nenhuma das hipóteses evocadas nos satisfaz de forma contundente. Nesse sentido, optamos por não atribuir nenhuma denominação a essa energia sem prejuízo, julgamos, para a validade e clareza da nossa exposição. Terminando este tópico, julgamos que no rearranjo que sugerimos da teoria, as adições que sugerimos não deixaram de atender às ligações mais ou menos manifestas, entre as perspectivas dos diversos autores sem, contudo, sermos perniciosos e cair no sempre aliciante e prático decalque e na nobre arte do “corte e costura” (epistémicos, entenda-se).

Para finalizar, neste último momento de reflexão, importa apontar não só as limitações encontradas na realização deste trabalho, como as linhas de investigação que julgamos poderem e deverem ser seguidas, tendo em conta as temáticas aqui abordadas. Versando sobre as limitações, é impossível deixar de mencionar a questão relativa à literatura e, mais propriamente, à literatura relativa aos temas que desenvolvemos ao longo deste trabalho. Quer pela abundância de material, quer pelos efeitos (nem sempre positivos) das traduções ou, simplesmente, pelas escolhas pessoais e teóricas dos diversos autores, o trabalho de leitura, revisão, compreensão e articulação das diversas perspectivas revelou-se uma tarefa herculeana, especialmente pelo uso arbitrário ou aleatório de determinados termos ou conceitos. Em boa verdade, o que muitas vezes se verifica (e que de resto, é comum na

construção do conhecimento) é que se fala do mesmo, usando termos e conceitos diferentes, ou – em registo ainda mais confuso para o humilde, mas ávido aprendiz –, se usa os mesmos termos e conceitos, para falar de temáticas distintas. Outro aspecto fundamental é o facto de que, quando nos propomos a discutir temas tão teóricos, subjectivos e permeáveis às interpretações mais argutas, como os aqui expostos – nos quais a ideia de axioma paira de forma constante, especialmente, para os mais cépticos em relação ao paradigma –, facilmente nos vemos embrenhados no receio áspero de “estar a ir mais além” em demasia, para o qual, só a crença de que “sem a audácia de questionar não se atinge a resposta” é opositor à altura. Quanto à pertinência e necessidade de novas discussões, suscitadas pelas que aqui expusemos, parece-nos que podemos elencar várias, se bem que de índoles distintas. Assim, no que toca à análise do caso, em particular, lembramos que, como referimos logo na introdução, não aspirámos neste trabalho a generalizações. Cada caso é um caso (passe o cliché) e só a análise e compreensão de outros casos análogos ou distintos nos poderá oferecer a possibilidade de retirar considerações e reflexões macro – e não micro – para a teoria e para aquilo que são, no presente, os nossos eixos e racionais de análise não só típicos, mas muitas vezes confortáveis, usualmente, evocados e utilizados na abordagem a casos deste tipo. Falando agora das considerações teóricas mais gerais, que tecemos ora a propósito da ligação estreita entre o que é o do foro estrito e puro da destrutividade e da violência daí resultante, ora sobre a violência que surge já da utilização da energia investida no Ego, para efeitos das funções de auto-conservação e afirmação narcísica deste, parece-nos que seria importante estudar a relação destas dimensões com as reflexões da psicopatologia mas, sobretudo, as implicações destas para a evolução dos processos terapêuticos. Por último, julgamos também que as hipóteses e adições que sugerimos à teoria psicanalítica, no que decidimos apelidar “um novo e unificado entendimento” carecem não só de um largo e aprofundado desenvolvimento, como dos contributos fulcrais da clínica. Ainda que a nossa posição nos pareça teoricamente sustentável, temos também consciência que a mesma só ganhará validade reforçada na articulação da teoria com a *praxis*, com o quotidiano, com a vida real, com casos reais (tal como tentamos neste trabalho) e, enfim, na articulação e encontro entre o ser humano e a necessidade, capacidade e forma de o pensar e, quem sabe, entender.

Da perspectiva de quem o escreveu, mas também de quem o irá ler, este trabalho não representa um *fim* em si mesmo, nem o *fim* do que quer que seja. Pelo contrário, acreditamos que este é apenas o *início* do surgir de novas reflexões, hipóteses e discussões, no que, esperamos, se constituirá como um processo contínuo e profícuo de construção epistémica.

REFERÊNCIAS

- Almenida, B. (2007). *Pulsão de Morte: Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich*. Curitiba: Centro Reichiano. Acedido a 16 de Junho de 2009 através de www.centroreichiano.com.br/artigos.htm.
- Abraham, K. (1966). Developpement de la libido. In *Oeuvres Completes* (Vol. 2). Paris: Payot.
- Bergeret, J. (1984a) Généalogie de la destructivité. *Revue Française de Psychanalyse*, 48 (4), 1021-1936.
- Bergeret, J. (1984b). *La violence Fondamentale*. Paris: Dunod.
- Bergeret, J. (1995). Les destins de la violence en psychopathologie. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, (18), 19-42.
- Bergeret, J. (2000). *A personalidade normal e patológica* (3ª ed.) Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 1978)
- Bergeret, J., & Serebriany, M. (2000). Violencia fundamental. (El apuntalamiento instintivo de la pulsión libidinal.). *Psicoanálisis: Revista de la asociación Psicoanalítica de Buenos Aires*, 22(2), 295-313. Retrieved June 14, 2009, from PsycINFO database.
- Bergeret, J. 2002. "Homosexuality or homoeroticism?: 'Narcissistic eroticism.'" *International Journal of Psychoanalysis*, 83 (2): 351-362. Retrieved June 14, 2009, from PsycINFO database.

- Bergeret, J. (2004). Violência e Evolução Afectiva Humana. In J. Bergeret (Org) *Psicologia Patológica – Teoria e Clínica* (2ª. ed.). Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 1972)
- Boulanger, J.-J. (2004). Perspectiva Metapsicológica. In J. Bergeret (Org) *Psicologia Patológica – Teoria e Clínica* (2ª. ed.). Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 1978)
- Caropreso, F., & Simanke, R. (2006, July). Compulsão à repetição: Um retorno às origens da metapsicologia Freudiana. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9 (2), 207-224. Retrieved June 15, 2009, from PsycINFO database.
- Cosnier, J. (1984). La violence fondamentale de Jean Bergeret. *Revue Française de Psychanalyse*, 48 (4), 1077-1086.
- Clancier, A., Faure, S. & Pragier, G. (1984). Situation métapsychologique de l'agressivité des travaux français. *Revue Française de Psychanalyse*, 48 (4), 917-936.
- Decobert S. (1984). Note sur les inscriptions archaïques des prototypes de la violence. *Revue Française de Psychanalyse*, 48 (4), 1069-1076.
- Diatkine, G. (1984). Parler de la violence. *Revue Française de Psychanalyse*, 48 (4), 1087-1093.
- Diatkine, R. (1984). Agression et violence. *Revue Française de Psychanalyse*, 48 (4), 937-946.
- Dostoievski, F. (1981) *Os irmãos Karamazov*. Lisboa: Edição Circulo de Leitores.
- Fayek, A. (1984). De l'interprétation à la pulsion de mort. *Revue Française de Psychanalyse*, 48 (4), 947-966.

- Ferrari, P. (1995). Éditorial. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, (18), 7-16.
- França, C., Rodrigues, D., & Mendes, A. (2005) A violência do abuso sexual infantil: interfaces da compulsão à repetição e da identificação com o agressor. *Projeto CAVAS: Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Departamento de Psicologia*. Retrieved June 14, 2009, from PsycINFO database.
- Freud, S. (1950). Project for a scientific psychology. In *Pre-psycho-analytic publications and unpublished drafts* (Vol. 1). London: Hogarth Press. (Obra original publicada em 1885)
- Freud, S. (1955). Totem and Taboo. In *Totem and taboo and other works* (Vol. 13). London: Hogarth Press. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (1980). Sadisme, masochisme et agressevité. In B. Grunberger & J. Chasseguet-Smirgel (Eds), *Les grandes découvertes de la psychanalyse: Les Pulsions: amour et faim, vie et mort* (pp. 141-155). Paris: Tchou.
- Freud, S (1981a). From the history of an infantile neurosis. In *Infantil neurosis and other works* (Vol. 17). London: Hogarth Press. (Obra original publicada em 1918)
- Freud, S (1981b). Why war? In *New introductory lectures on psycho-analysis and other works* (Vol. 22). London: Hogarth Press. (Obra original publicada em 1932)
- Freud, S. (2005a). “Instincts and their vivissitudes”. In *The Essentials of Psycho-Analysis* (pp. 197-217). London: Vintage. (Obra original publicada em 1915)
- Freud, S. (2005b). “Beyond the Pleasure Principle”. In *The Essentials of Psycho-Analysis* (pp. 218 – 268). London: Vintage. (Obra original publicada em 1920)
- Freud, S. (2005c). “Three Essays on the Theory of Sexuality (4^a. ed.)”. In *The Essentials of Psycho-Analysis* (pp. 277 –375). London: Vintage. (Obra original publicada em 1920)

- Freud, S. (2005d). "The Ego and the Id". In *The Essentials of Psycho-Analysis* (pp. 439 – 483). London: Vintage. (Obra original publicada em 1923)
- Foucault, M. (1980). *Nietzsche, Freud e Marx – Theatrum Philosophicum*. Porto: Anagrama.
- Fulgencio, L. (2006) Notas sobre o abandono do conceito de pulsão na obra de Winnicott. *Winnicott e-Prints*, 5 (1), 85-95. Retrieved June 16, 2009, from PsycINFO database.
- Gibeault, A. (1985). Les Trois Essais: auto-érotisme prépubertaire, choix d'object precoce, étayage. In B. Grunberger & J. Chasseguet-Smirgel (Eds), *Les grandes découvertes de la psychanalyse: Les Pulsions: amour et faim, vie et mort* (pp. 53-71). Paris: Tchou.
- Green, A. (1983). *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris: Editions De Minuit.
- Gillibert, J. (1984). Généalogie de la destruction. *Revue Française de Psychanalyse*, 48 (4), 987-1020.
- Green, A. (1995) Sources, poussées, buts, objects de la violence. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, (18), 215-260.
- Groot, J. (1999) Masoquismo e Narcisismo. *Letra Freudiana: Pulsão e Gozo*, 11, (10-11-12), 167-176. Retrieved June 14, 2009, from PsycINFO database.
- Grotstein, J. (1999). *O Buraco Negro*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Grunberger, B. (1984). Brève communication sur le narcissisme, l'agressivité et l'antisémitisme. *Revue Française de Psychanalyse*, 48 (4), 1037-1042.
- Jeammet, P. (1995). Sources, poussées, buts, objects de la violence - Discussion. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, (18), 269-273.
- Kernberg, O. (1992). *Aggression in personality disorders and perversions*. New Haven: Yale University.

- Kernberg, O. (1998). "Perversão, perversidade e normalidade: Diagnóstico e considerações terapêuticas." *Revista Brasileira de Psicanálise*, 32 (1): 67-82. *PsycINFO*, EBSCOhost (accessed June 15, 2009).
- Kernberg, O. (2006). *Agressividade, Narcisismo e Auto-Destrutividade na Relação Psicoterapêutica*. Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 2004)
- Kimmerle, G.(1988). Denegação e retorno: uma leitura metodológica de “Para além do princípio de prazer”, de Freud por E., Campos & R., Preu. *Psychê*, 4 (15), 179-183. Retrieved June 16, 2009, from *PsycINFO* database.
- Klein, M. (1985a). Instinct de mort et la theorie kleinienne. In B. Grunberger & J. Chasseguet-Smirgel (Eds), *Les grandes découvertes de la psychanalyse: Les Pulsions: amour et faim, vie et mort* (pp.257-273). Paris: Tchou.
- Klein, M. (1985b). L’object pariel chez Melanie Klein. In B. Grunberger & J. Chasseguet-Smirgel (Eds), *Les grandes découvertes de la psychanalyse: Les Pulsions: amour et faim, vie et mort* (pp. 189-208). Paris: Tchou.
- Lacan, J. (1966). *Ecrits*. Paris: Seuil.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (1970). *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa: Moraes.
- Matos, A. C. (2001). *A Depressão*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Matos, A. C. (2002a). *O Desespero*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Matos, A. C. (2002b). *Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Moulin, V. (2003). Approche dynamique et processuelle de l'agir criminel violent : vers une modélisation psychocriminologique intégrative du passage à l'acte. In B. Gaillard (Eds.), *Psychologie criminologique* (pp. 83-97). Paris: In Press.

- Pena, B. (2007). As vicissitudes da repetição. *Reverso*, 29 (54), 83-87. Retrieved June 16, 2009, from PsycINFO database.
- Santos, P. (1994). *Entre Eros e Psique*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Spitz, R. (1980). Théorie dès pulsions et génétique. . In B. Grunberger & J. Chasseguet-Smirgel (Eds), *Les grandes découvertes de la psychanalyse: Les Pulsions: amour et faim, vie et mort* (pp. 245-255). Paris: Tchou.
- Tenenbaum, D. (1992) Pulsão de Morte – Dr. Freud, um antropólogo?. *Revista de Psicanálise do Rio de Janeiro*, 1-13. Retrieved June 14, 2009, from PsycINFO database.
- Terrazas, J. (2002, January). O conceito de pulsão de morte na obra de Freud. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 5 (1), 91-100. Retrieved June 15, 2009, from PsycINFO database.
- Trier, L. (2009) *Antichrist*. New York: New York: IFC Films.
- Villerbu, L. (2010). *Psycho-Criminologie, entre agressologie et victimologie. Un autre regard sur le phénomène criminel*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Violência. In *Dicionário Latin-Português – Dicionários Académicos* (1998). Porto: Porto Editora.
- Wan, J. (2009). *Saw 1-6. The Ultimate Collection Box Set*. Santa Monica: Lionsgate.
- Williams, H. (1984). Violence et “non digestion” psychique. *Revue Française de Psychanalyse*, 48 (4), 1057-1067.
- Zizec, S. (2009). *Violência – Seis Notas à Margem*. Lisboa: Relógio D'Água Editores. (Obra original publicada em 2008)